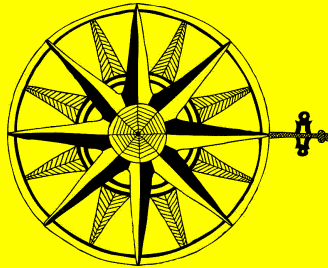


Jean Lauand

# Abordagens Filosóficas

## Educação & Linguagem



**GEMOROC**  
EDF-FEUSP

  
**FACTASH EDITORA**

Jean Lauand

Abordagens Filosóficas

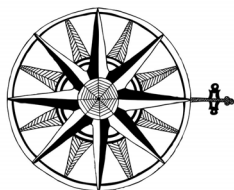


**Jean Lauand** é professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista. Fundador e diretor do CEMOrOc – Centro de Estudos Medievais – Oriente e Ocidente do EDF-FEUSP. Prof. Investigador e Pesquisador Emérito do IJI - Instituto Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto. Acadêmico da Real Academia Espanhola de Letras de Barcelona (Reial Acadèmia de Bones Lletres – Membro correspondente). Autor de livros e artigos publicados em 20 países e traduzidos a 13 línguas. Página pessoal:

<http://www.jeanlauand.com>

email: [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)

# Abordagens Filosóficas – Educação & Linguagem





Jean Lauand

# Abordagens Filosóficas – Educação & Linguagem

**CEMOrO**  
EDF-FEUSP

  
**FACTASH EDITORA**

São Paulo  
— 2015 —

Copyright © by Jean Laund, 2015

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer, sem autorização prévia dos autores.

*Capa e Projeto Gráfico:*  
Tarlei E. de Oliveira

*Impressão e Acabamento:*  
Ecograf

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

Lauand, Jean

Abordagens filosóficas – educação & linguagem. Jean Lauand :  
São Paulo: Factash Editora, 2015.

91 p. 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-89909-

1. Filosofia 2. Antropologia filosófica 3. Educação. I. Título

CDU 1(091)

---

Factash Editora  
Rua Costa, 35 – Consolação  
01304-010 – São Paulo – São Paulo  
Tel. (11) 3259-1915 – factash@gmail.com

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

O Conselho Editorial dos livros do Cemoroc é constituído  
pelos seguintes Professores Doutores:

**Diretores:**

*Jean Lauand* (Feusp-Umesp)

*Paulo Ferreira da Cunha* (Univ. do Porto)

*Sylvio G. R. Horta* (FFLCH-USP)

**Membros:**

*Aida Hanania* (FFLCH-USP)

*Chie Hirose* (Fics)

*Enric Mallorquí-Ruscalleda* (California State Univ., Fullerton)

*Gabriel Perissé* (Unisantos)

*Lydia H. Rodriguez* (Indiana Univ. of Pennsylvania)

*María de la Concepción P. Valverde* (FFLCH-USP)

*Maria de Lourdes Ramos da Silva* (Feusp-Fito)

*Pedro G. Ghirardi* (FFLCH-USP)

*Pere Villalba* (Univ. Autònoma de Barcelona)

*Ricardo da Costa* (UFES)

*Roberto C. G. Castro* (Fiam)

*Sílvia M. Gasparian Colello* (Feusp)

*Sílvia Regina Brandão* (Uscs)

*Terezinha Oliveira* (Uem)





# Sumário

<b>Caminhos e descaminhos da pesquisa em educação</b> .....	9
A pesquisa da realidade humana .....	9
A pesquisa tem por objeto algo oculto .....	10
Questionários e entrevistas – não sabemos o que sabemos .....	11
Forçando o oculto a aparecer .....	13
Uma regra da hermenêutica para textos de outra época/cultura – hino do Flamengo .....	14
“Compreender” .....	18
Trabalhando com tipos – “o brasileiro”, Keirsey e Jung .....	22
<b>A teoria dos temperamentos de David Keirsey de</b>	
JOÃO SÉRGIO LAUAND .....	27
Fatores básicos em Keirsey .....	27
“Átomos” e “Moléculas” em Keirsey .....	29
<b>Uma apresentação dos tipos S de David Keirsey</b> .....	33
Perfil resumido dos oito tipos S de Keirsey .....	36
ESTJ Supervisor .....	36
ISTJ Inspetor .....	37
ESFJ Provedor .....	38
ISFJ Protetor .....	39
ESFP Performer .....	40
ISTP Crafters .....	41
ISFP Composer .....	42
ESTP Promoters .....	43
Referências bibliográficas .....	44
<b>Mundo Árabe e Sistema Língua-Pensamento: os provérbios</b>	45
Língua e forma de pensamento. 7 características da língua ....	45
1.1 O verbo “ser” e a frase nominal .....	47

1.2 Associação imediata .....	48
1.3 Flexão de temas e de raízes .....	51
1.4 Pensamento confundente .....	52
1.5 Metáteses .....	54
1.6 A imagem concreta .....	56
1.7 A ligação psicológico-gramatical com o passado .....	58
<b>O homem, um ser que esquece .....</b>	<b>61</b>
<b>Voz ativa, passiva ou... média? .....</b>	<b>67</b>
<b>Pensamento Confundente e Neutro .....</b>	<b>73</b>
1. Pensamento Confundente .....	73
2. O neutro como indeterminado .....	74
3. Neutro, Literatura & Cia. ....	76
<b>A Unidade da Ideia de Homem em Diferentes Culturas .....</b>	<b>83</b>
<b>O passado que se a-presenta .....</b>	<b>89</b>

# Caminhos e descaminhos da pesquisa em educação

## A pesquisa da realidade humana

Em primeiro lugar, quero agradecer às organizadoras, Profas. Leila Alves e Zeila Demartini, pelo honroso convite para proferir esta conferência.<sup>1</sup>

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. A *physis* e a realidade humana gostam de se esconder.

E só podemos pesquisar sobre o que está oculto. Especialmente a realidade humana – estamos interessados em antropologia filosófica e em educação – não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.

Essas considerações ligam-se a outra de Heráclito, conhecido como “o obscuro”: “O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença,. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o

---

1. Em 3-10-2013 para o “Ciclo de Palestras: A Pesquisa no PPGE” do Programa de Doutorado em Educação da Umesp.

primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Como a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem... ? Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. Josef Pieper indica três sítios privilegiados para “vasculhar” e resgatar essas realidades escondidas: a linguagem, as instituições e os modos de agir humano.

### A pesquisa tem por objeto algo oculto

Cada um de vocês tem um tema de pesquisa e busca algo oculto, porque se for manifesto não há pesquisa. Infelizmente, dada a enxurrada da indústria de diplomas, ocorrem hoje muitas pseudo-pesquisas – em artigos, dissertações e teses –, algumas precisamente voltadas para o que **não** está oculto.

É o caso, por exemplo, de alguém que dedicasse uma dissertação de mestrado a investigar se o professor de língua portuguesa promove mais a leitura em seus alunos do que os de outras disciplinas. E

conclui com o que já era óbvio: o professor de Português promove mais a leitura do que o de Educação Física ou de Química Orgânica...

## Questionários e entrevistas – não sabemos o que sabemos

E a demonstração “científica” dessa obviedade é feita por procedimentos nem sempre apropriados: amostras precárias, questionários mal formulados seguidos de gráficos de “pizza” para dar aparência de credibilidade, protocolos de comissões de ética etc. O importante é encadernar a dissertação e, se for o caso, tentar uma revalidação no Brasil.<sup>2</sup>

Mas, voltemos aos métodos de pesquisa. Claro que questionários e entrevistas podem ser legítimos e valiosos instrumentos, mas seu uso requer certos cuidados. O primeiro e o mais importante é ter em conta que, em muitas situações, *o entrevistado não sabe o que realmente ele pensa sobre o que é indagado* (o que, talvez, para sua própria surpresa, só venha a descobrir em situações extremas, totalmente alheias ao ambiente da entrevista<sup>3</sup>).

Discutindo esse critério, certa vez perguntei em classe: Você tem medo da morte? Algumas alunas, cristãs convictas, apressaram-se em responder: Não (quem segue a Jesus Cristo não teme nada etc.). Procurei lembrá-las da experiência da igreja primitiva, a igreja dos mártires. A experiência dos *lapsi*: cristãos que presunçosamente tomavam a iniciativa de desafiar abertamente a autoridade imperial, apregoando que não iriam sacrificar aos deuses, e acabavam por vergonhosamente renunciar à sua presunção... A Igreja logo percebeu

---

2. Sempre fico me perguntando que especial especialização haverá no Paraguai, que leva centenas de brasileiros – não da fronteira, mas de regiões distantes – a cursarem caros mestrados em Educação lá...

3. Exemplificamos, a seguir, com o medo da morte: lembro-me que, para minha surpresa, tive uma revelação sobre o que realmente pensava sobre isso, quando um ladrão encostou um 38 em minha testa...

a auto-enganação e proibiu essa ingênua e desastrosa prática. E o próprio Cristo suou sangue no Horto...

Pensar em termos abstratos é uma coisa; outra, bem diferente, é como dizem os ingleses: “the real thing”, a hora da verdade. É muito fácil cantar na arquibancada: “Nem teme quem te adora a própria morte”, ou no hino do exército: “Se a pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos com valor” (já a clássica paródia, menos idealizada, diz: “Se a pátria amada precisar da macacada, p#m#que c#...”).

Não só nas grandes questões existenciais ignoramos o que nós próprios pensamos; o mesmo ocorre em outras grandes, médias e pequenas opiniões. Ainda recentemente, víamos diariamente o homofóbico Dr. César Houry (personagem de Antonio Fagundes na novela “Amor à Vida”) reiterar – sinceramente – que não tinha nenhum preconceito contra homossexuais (só não tolerava os gays que o cercavam: o filho Félix e seus funcionários com essa orientação).

Tomemos também o caso da proibição de sacolas plásticas descartáveis na cidade de São Paulo. Em janeiro de 2011, recém implantada a lei que banuiu as sacolinhas dos supermercados, pesquisa do Datafolha revelou que 57% dos entrevistados eram a favor da medida, ou achavam que eram... Em maio do ano seguinte, os mesmos paulistanos, agora 69%, tendo sofrido as consequências, esqueceram-se do planeta, do meio ambiente etc. e exigiram seu confortável saco plástico de volta, o que realmente aconteceu. ([www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/44248-69-querem-sacolinha-de-volta-aos-supermercados.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/44248-69-querem-sacolinha-de-volta-aos-supermercados.shtml))

E os casos mais contundentes: pesquisas sobre a questão “Existe um filho preferido na sua casa?” dão cerca de 100% de não, quando os entrevistados são os pais; e 100% de (também sinceríssimos) sim, quando os entrevistados são irmãos. Ou aquela outra enquete para uma mesma amostra de entrevistados: “Você já sofreu violência no trânsito?” (90% de sim) – “Você já causou violência no trânsito?” (95% de não)...

## Forçando o oculto a aparecer

Tomemos um problema concreto, que pesquisei em artigo para a *Revista Língua Portuguesa* (No. 9, julho 2006 cf <http://www.jeanlauand.com/page58b.htm>): como o jovem brasileiro de hoje lida com a língua em relação ao jovem do meu tempo, há 50 anos atrás.

Claro que temos que tomar todos os cuidados metodológicos ao falar, genericamente, em “o jovem brasileiro de hoje”, “lidar com a língua” etc. Mas, felizmente, pude encontrar um objeto concreto que permitia obter alguns resultados: uma história em quadrinhos, *Tio Patinhas e os índios Nanicós*, um clássico “ambientalista” de Carl Barks, publicada no Brasil em 1958 e reprisada – com os mesmos desenhos, mas com novos textos em cada caso – em 1967, 1982, 1988 e 2004. Nesses textos de HQ, o autor / adaptador tem uma única preocupação: a de ser compreendido imediatamente por seu jovem leitor, flagrar sua linguagem, em cada caso. Dispomos assim, de algum modo, de um referencial concreto para avaliar as mudanças da linguagem. Um referencial limitado e longe de ser absoluto, mas um referencial.

Entre 1958 e 2004, por exemplo, cai a presença dos pronomes oblíquos. A fala de Donald “Peguei-o em flagrante” (1958), torna-se “Peguei você em flagrante” (2004). E o futuro simples (ficaremos) de 58 vira composto (vamos ficar) depois. Há mudanças nas vigências sociais: em 58, Huguinho, Zezinho e Luizinho chamam Donald de “senhor”; em 2004, de “você”.

Teria sido um disparate tentar obter os mesmos resultados aplicando questionários a sessentões, perguntando sua opinião sobre a linguagem dos jovens de sua época e a dos de agora...

## Uma regra da hermenêutica para textos de outra época/ cultura – hino do Flamengo

Em seus estudos sobre a interpretação de autores antigos, o filósofo Josef Pieper lembra uma importante regra de hermenêutica: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e para os leitores de seu tempo (mas não para nós...!). Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não-dito no dito”. Essa regra básica – também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... – é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*”...), são – nas correspondentes línguas – simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigencias* (Ortega y Gasset), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas – deixadas ao “*por supuesto*”, “*taken for granted*” –, torna-se incompreensível para o leitor.

E a possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado pelo autor antigo fica condicionada pela surpresa ante saltos lógicos e brechas que – *para nós* – o texto apresenta. Por exemplo, o caso de um desses essenciais invisíveis em Tomás de Aquino, estudado por Pieper: O Aquinate ao formular o conceito de verdade das coisas diz: “O real é chamado verdadeiro, na medida em que realiza aquilo para o que foi ordenado pelo espírito cognoscente de Deus” e que isto se torna *evidente* pela famosa definição de Avicena: “A verdade de uma coisa é a característica própria de seu ser, que lhe foi dada como propriedade constante”. Esta conexão, era evidente na Idade Média, mas para nós não o é de modo algum, é antes quase incompreensível!



Tomemos um exemplo mais modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “– Tive que tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo em um colégio particular”, tem que tomar o cuidado de estar atento à *vigência* da época: a incapacidade do filho de acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigência* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “– Que pena ter de pagar para ter um ensino de melhor qualidade!”

Como dizíamos, por vezes, abre-se uma possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado por um autor antigo, quando somos surpreendidos por – *para nós* – saltos lógicos e brechas que o texto apresenta. É o caso do verso do hino do Flamengo, com que exemplificaremos este tópico: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.” (cf <http://www.hottopos.com/notand23/P47a50.pdf>)

O hino do Flamengo , no site oficial do clube, diz:

*Uma Vez Flamengo  
Sempre Flamengo  
Flamengo sempre eu hei de ser  
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar  
Seja na terra, seja no mar  
Vencer, vencer, vencer  
Uma vez Flamengo,  
Flamengo até morrer  
Na regata ele me mata, me maltrata,  
me arrebatou de emoção no coração  
Consagrado no gramado  
Sempre amado  
Mais cotado nos Fla-Flus  
É o ai Jesus*

*Eu teria um desgosto profundo  
Se faltasse  
O Flamengo no mundo  
Ele vibra, ele é fibra, muita libra,  
já pesou  
Flamengo até morrer, eu sou.*

O flamenguista de hoje não tem a menor ideia do que possa significar a celebração de seu time. no verso composto há 70 anos : “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.” Sim, sem dúvida, o Fla vibra e ele é fibra (hoje, se diria: raça, garra ou atitude, mas ainda se compreende a palavra “fibra”), mas que raios: é pesar libra: “muita libra já pesou”?

A confusão é tanta, que muitos alteram o verso para, o ainda mais incompreensível: “muita libra já *pensou!*” É o caso de uma revista de educação, que sugere aos professores a análise de hinos dos clubes – e expressamente o do Flamengo – como atividade escolar, com propostas de plano de aulas: “Leia a letra para os alunos e questione sobre o que entendem quando alguém diz vencer, vencer, vencer... uma vez Flamengo, Flamengo até morrer. Deixe que falem o que sabem. Etc.<sup>4</sup>”. Mas a revista se omite sobre o que o mestre deve fazer quando os alunos levantarem a espinhosa questão: o que significa “pensar libras”?

Também na bela interpretação de Jorge Ben Jor, o verso é cantado: “muita libra já pensou” e parece sugerir uma interrogação, como se indagasse: “Você já parou para pensar na inigualável quantidade de maravilhosas libras que o Flamengo já pensou?” – o que até funcionaria se em vez de “libra” disséssemos “taça” ou “conquista”. Mas, com “libras” é puro surrealismo!

---

4. <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/hinos-brasileiros-produto-cultural-427334.shtml> Acesso em 05-10-13.

Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

Para responder a essa questão, é necessário antes de mais nada lembrar que o hino do Flamengo foi composto numa época de transição do clube. Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol; em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo. O ano de 1942, quando o hino foi composto, é um momento de transição no interesse da torcida: o remo ainda tinha importância (o remo do Fla, em grande fase, foi tetracampeão carioca de 40 a 43), mas o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos grandes craques do Fla: Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido, Jarbas e Zizinho) Daí, os dois polos no hino, com muitas referências à regata.

E é na regata que se decifra o “pesar libras” (a solução que propus pareceu correta ao especialista Fernando de Campos Mello, Mestre pela EEFÉ-USP e Supervisor Técnico de Remo do Esporte Clube Pinheiros, a quem consultei). “Pesar libras”, no hino de Lamartine, é sinônimo de vitória! Vejamos.

O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Nas atuais regras da Confederação Brasileira, encontramos, por exemplo:

É unicamente da equipe a responsabilidade de que os barcos tenham o peso mínimo exigido. A balança deve indicar o peso do barco com um dígito após a vírgula e deve estar disponível para as guarnições pelo menos 24 h antes da primeira prova da competição. A seleção de barcos a serem pesados é feita através de um sorteio.

E concluída a prova, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco *vencedor* (ninguém vai exigir o “anti-doping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por influência britânica (como as jardas nas medidas do futebol ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

Pesar libras é homologar vitória! Vitória que se confirma ou é impugnada na pesagem. Por exemplo, nos Jogos Sul-americanos de Buenos Aires-Mar del Plata, nossas meninas do remo arrasaram: subiram ao pódio em 22 das 24 competições: ouro nas categorias k4 200m, k4 1000m e k4 500m. Na categoria k2 200m, Bruna e Ariela também chegaram na frente na disputa final, mas, no tira teima da pesagem, acabaram desclassificadas: segundo a balança (argentina...) o barco estava 50 g (0,11 libras) abaixo do limite de peso!

### “Compreender”

Josef Pieper, precisamente em seu estudo *Verstehen*<sup>5</sup> (compreender), começa por indicar uma outra importante regra metodológica: uma palavra está sendo empregada em seu sentido próprio, somente quando não pode ser substituída por outra (por nenhum de seus sinônimos) sem alteração de sentido. Se, digamos, *casa*, *lar*, *residência*, *domicílio* etc. apontam para uma mesma e única realidade objetiva (o edifício da Rua Tal, No. tal), cada um daqueles sinônimos enfatiza um aspecto determinado, insubstituível em certos contextos: não se pode dizer, por exemplo, “residência, doce residência!”, nem a prefeitura cobra IPTU sobre o meu lar...

E aplica esse critério à própria palavra “compreender” (*verstehen*) para determinar seu sentido próprio. De fato, na linguagem comum dizemos que “compreendemos uma língua estrangeira”, que “compreendi as instruções de funcionamento desse aparelho eletrônico” etc. No entanto, somente reparamos no conteúdo semântico (e humano, existencial) próprio do “compreender” – a apreensão não somente do **algo**, do conteúdo objetivo de uma mensagem (o que se pode expressar por um sinônimo como “entender”), mas também de um **alguém** pessoal, vivo e concreto, que a emitiu – quando verifi-

---

5. *Verstehen*, Freiburg im Breisgau, IBK, pp. 1 e ss.

camos que há certos contextos de linguagem – como quando dizemos: “Não quero dinheiro, mas compreensão” – nos quais o vocábulo “compreender” não se deixa substituir, sem alteração de significado, por nenhum “sinônimo”.

Nessa mesma linha do compreender como método, Julián Marías, sempre tão rigoroso, não hesita em afirmar (e o faz em nada menos do que em um prefácio a uma erudita tese de doutoramento!) uma contundente e necessária indicação:

O método? Sentir, como se fossem minhas, as tuas dores. [...] Sim, [este é o método] mas a indagação dos métodos intelectuais, de maneira que se veja claramente que isto é um método, requereria outra tese de doutoramento, que alguém deveria escrever.<sup>6</sup>

Para aprofundar no sentido do “compreender” – da captação que envolve não só o “algo”, mas o alguém –, comecemos por contrastar as ciências humanas com as que não comportam o uso desse recurso metodológico.

Mais do que o objeto de estudo, o que diferencia as ciências é o particular ponto de vista sob o qual elas tratam esse objeto: cada ciência assume seu enfoque e todo o resto não lhe interessa. Assim, uma mesma realidade, por exemplo, o homem, é estudada por diferentes ciências sob diferentes ângulos: um é o enfoque da Medicina; outro, o da Psicologia; outro, o da Bioquímica etc. Tome-mos um clássico problema de Física:

Um corpo de massa 20 kg é abandonado, verticalmente, a partir do repouso de uma altura de 15 m em relação ao solo. Determine a velocidade do corpo quando atinge o solo. Dado  $g = 10 \text{ m/s}^2$ . Despreze atritos e resistência do ar.

---

6. Marías, Julián *Hispanoamérica* Madri, Alianza, 1986, p. 369.

Esse problema pode muito bem referir-se ao humano (o homem, afinal, tem um corpo, com uma massa...), digamos à suspeita de assassinato de uma menina pelo pai. Mas, de seu ponto de vista, a Física ocupa-se somente de  $mgh$  e  $mv^2$ , de energias potencial e cinética, de velocidades e acelerações etc., e não de intenções e motivações: se se trata de homicídio culposo ou doloso; ou talvez de um acidente etc.

O objeto de estudo de uma ciência e, principalmente, seu peculiar ponto de vista<sup>7</sup> condicionam, obviamente, sua metodologia: de que servem, digamos, a *verstehen* para o matemático empenhado em demonstrar seus teoremas ou, reciprocamente, os teoremas do matemático para um historiador? (E, como é evidente, o mesmo pode-se dizer do instrumental de cada ciência, também neste caso o objeto é decisivo: é pelo seu objeto que a astronomia emprega o telescópio e não o microscópio; a física – ao contrário da matemática – requer um laboratório; etc.)

À matemática só interessam demonstrações, tipicamente pelo método axiomático. Por exemplo, consideremos um teorema elementar de Geometria: A soma dos ângulos internos de um triângulo qualquer é sempre  $180^\circ$ .

- 1- Construir um triângulo ABC qualquer
- 2- Construir a reta  $r$  passando por B paralela ao lado AC etc.

Evidentemente, a demonstração desse teorema, é um problema estritamente de lógica dedutiva: seria puro *nonsense* pretender, digamos, uma compreensão empática do triângulo: como ele se sente; seus sofrimentos, alegrias e traumas, suas expectativas e motivações, qual dos três ângulos é o seu predileto etc.

---

7. Além, é claro, das diferentes teorias, concepções, paradigmas dentro de uma mesma ciência...

Ainda para continuarmos com exemplos bem simples, em um estudo procurei mostrar que S. Expedito nunca existiu (cf <http://www.hottopos.com/convenit10/19-26Jean.pdf>). A especialidade desse santo, como o próprio nome indica, é a resolução rápida, urgente das causas a ele confiadas. A devoção a S. Expedito é recente e dá-se de modo fortemente predominante no Brasil. Ao discutir sua existência histórica, vali-me de uma compreensão (bastante elementar) do sentir de Agostinho e outros Padres da Igreja.

Começemos pela historieta sobre Expedito.

A lenda diz que ele era um comandante militar do início do séc. IV – veio a sofrer o martírio por não renegar sua fé cristã –, que ficava adiando sua conversão ao cristianismo. Quem observar o santinho, reparará que Expedito segura uma cruz na qual está escrito *Hodie* (em latim: hoje) e esmaga com o pé um corvo que diz *Cras*, que em latim significa: Amanhã (daí o nosso “procrastinar”); *cras* é também a onomatopeia do corvo (como *miau* é a do gato).

Os Padres da Igreja conhecem e comentam esse jogo de palavras (*hodie/cras*), mas **sem** mencionar nenhum protagonista, para eles trata-se simplesmente de um sugestivo modo de catequese. Se tivesse havido um mártir com esse enredo, S. Agostinho (354-430), S. Cesário de Arles (470-543) e outros que pregam sobre o abominável corvo do *cras*, certamente não teriam ficado apenas na análise das palavras, mas teriam exaltado o herói cristão, que venceu o diabo (alegorizado no corvo) e seus adiantos. Aliás, os Padres costumam fazer trocadilhos e jogos de palavras com os mártires, como no caso das santas mártires Felicidade e Perpétua, no estilo dos “predestinados” de José Simão (“foram para o Céu para gozar da felicidade perpétua”. Etc.). E, claro, Expedito seria um caso exemplar nesse sentido.

A pregação de Agostinho, diga-se de passagem, está repleta de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem, muito semelhantes aos nossos slogans de publicidade. Contra os abusos de poder dos militares, o bispo de Hipona, exorta: “Militares, estais na milícia

(*militia*) e não deveis estar na malícia (*malitia*)”; “Cartago, caldeirão de vícios” (*Cartago, sartago*) etc. Quanto ao corvo e seu diabólico “cras, cras”, Agostinho (*En. in Ps.* 102, 16) comenta:

Irmão, não fique adiando sua conversão. Há aqueles que ficam protelando e cumpre-se neles a voz do corvo: “cras, cras”. (...) Até quando ficarás no cras, cras...? Atente para teu último *cras*. Não sabes quando será teu último *cras*.

E em outro sermão (224, 4) :

Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo “cras, cras”, torna-se corvo: vai e não volta [como o corvo da arca de Noé], nunca se converte.

Como dissemos, se tivesse havido um personagem qualquer para estrelar esse relato, S. Agostinho (e os demais autores antigos e medievais) não teriam deixado de celebrar esse herói, o que, além do mais, melhoraria muito a história.

O anti-exemplo, sim, Agostinho, tinha ao alcance da mão: ele próprio, que enrolou anos a sua conversão e atreveu-se até mesmo a dirigir a Deus a oração do *cras*: **“Dai-me a castidade, mas não ainda, pois temia que me atendesse muito depressa e que me curasse logo a doença, que eu mais queria saciar do que extinguir.”** (*Confissões Cap. VI*).

Trabalhando com tipos – “o brasileiro”, Keirse e Jung

No começo de 2013 enfrentei um desafio interessante: uma conferência sobre “o brasileiro”, para cerca de 30 graduados americanos, bolsistas da Fulbright, recém chegados ao Brasil (texto em: <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>).



É preciso muito cuidado ao lidar com tipos: naturalmente, falar de “o brasileiro”, assim sem mais, seria um *nonsense* metodológico: não existe uma uniformidade num país de dimensões continentais, de vocação multicultural etc. E cada indivíduo é o que é. Para falar de “o brasileiro” – são necessárias as devidas ressalvas – do procedimento tipológico, válido em sociologia e antropologia, como o fazem clássicos como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda.

Nesse sentido, pareceu-me oportuno fazer o tipo remeter a certas “constantes”, sobretudo voltando àquilo que o filósofo espanhol Ortega y Gasset chama de *vigencias*, mais observáveis. Um exemplo de *vigencia* (alimentar) é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para obter seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a vigência alimentar impôs até o nome de “*café da manhã*” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis em qualquer padaria da esquina.

A *vigencia* é mais observável e, para a “introdução ao Brasil”, vali-me do caso da mobilização de torcedores corintianos para a final do campeonato mundial de clubes da Fifa, no Japão, em dezembro de 2012.

Ciente da realidade do choque cultural e preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigiam ao Japão poderiam sofrer por conta das diferenças de cultura, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o “Guia do Torcedor” (<http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf>), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebia.

A realidade sociológica se impõe e não se pode brincar com assunto sério e o Guia termina de modo ameaçador: o Consulado não pode assumir dívidas dos brasileiros, emprestar dinheiro, contratar advogados, retirar detidos nas delegacias etc.

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, presente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio).

Esse manual parece endossar que “o brasileiro” se enquadra no tipo ESFP, um dos dezesseis tipos de temperamento da teoria do psicólogo norte americano David Keirsey.

É necessário frisar que esses tipos (pessoais ou “nacionais”) são destituídos de qualquer carga de valor: não é melhor nem pior ser ESFP ou INTJ; ser NF ou SJ; etc. Em todos e cada um deles pode-se ser gênio ou tolo; santo ou pecador etc. E todos têm suas qualidades e disfunções “típicas”... E, sempre lembrar, que se trata de um tipo e não da realidade em si.

Keirsey, que aproveita e modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento e 16 subtipos.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, “o brasileiro” (nossas *vigências*) é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição *J/P* corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (preferência J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseiano, já se vê imediatamente que o famoso “jeitinho” brasileiro, a capacidade de improvisação que sempre encontra uma solução para situações insolúveis, tem um componente essencial no fator P: prevalecer a solução improvisada, à margem da norma ou da lei. Uma avenida com quatro pistas subitamente passa a ter três: os motoristas da quarta pista, com a maior naturalidade, se arranjam com os da quinta e tudo se resolve sem maiores dificuldades (o que em outros países seria um problema de proporções enormes).

De passagem, note-se que um interessante indicador de nossa linguagem do jeito é o uso de “meio”, em expressões como: “É meio contra-mão, mas, nesta hora da noite, tudo bem”. O motorista nem sempre respeita a faixa; o pedestre nem sempre atravessa pela faixa (em todo caso, simula dar uma corridinha, como mostra de boa vontade...).

A abertura do Guia é já uma advertência de que o “japonês” é muito distinto do “brasileiro”:

“o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T (Feeling / Thinking), é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.

Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t **think** any more, they **feel**. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and **I think I am fine**”

A diferença F x T aparece claramente nos estilos dos presidentes Lula e Dilma, respectivamente. Quando morreu o vice-presidente José de Alencar, ambos antecipam apressadamente a volta do exterior e chegam juntos ao velório do amigo, muito querido de ambos. No caso de Lula, emoção e sentimento a jorros; Dilma, permanece contida e discreta. Cf: [https://www.youtube.com/watch?v=T\\_Ip1TjyZpw](https://www.youtube.com/watch?v=T_Ip1TjyZpw)

Ambos gozavam de altos índices de popularidade: Lula identificando-se com a vigência F do brasileiro; Dilma, vista como a gerentona T que pode implacavelmente endireitar este país...

O fator F será a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com um sorriso, um “cair bem” para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc.

Manejar esses tipos de fatores ideais junguianos e kerseyianos, como quaisquer tipos bem construídos, pode ser metodologicamente muito fecundo, desde que se tomem os devidos cuidados.

Muito obrigado.

# A teoria dos temperamentos de David Keirsey

JOÃO SÉRGIO LAUAND

## Fatores básicos em Keirsey

Após muitos anos de pesquisa, em 1978 o renomado psicólogo americano David Keirsey (DK) lança *Please Understand Me*, seu livro fundamental, no qual apresenta os 4 temperamentos: SJ (o guardião), SP (o artesão), NF (o idealista) e NT (o racional). Cada um desses tipos admite 2 complementações (com o fator F/T ou J/P, conforme o caso, produzindo um total de 8 *roles*) e 4 (sub)tipos (se associarmos o fator restante, do par E/I) e assim temos um total de 16 (sub-)tipos psicológicos.

Esse livro causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo e, traduzido em diversas línguas, já vendeu mais de 2 milhões e meio de exemplares.<sup>8</sup> Em 1998, DK publica *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*,<sup>9</sup> revendo, ampliando e aprofundando os temas do vol. I. Também esse vol. II já atingiu perto dos 2 milhões de vendagem.<sup>10</sup> Outro indicador da difusão da obra de

---

8. O dado procede do site oficial de Keirsey: <http://www.keirsey.com/keirseybooks.aspx>. Acesso em 02-02-14.

9. Keirsey, David *Please Understand me II*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1998.

10. O dado procede do site oficial de Keirsey: [http://www.keirsey.com/pum\\_2.aspx](http://www.keirsey.com/pum_2.aspx). Acesso em 02-04-14.

DK: a consulta ao *Google*, combinando “Keirsey” e “temperament”, deu como resultado 128.000 sites (em 17-12-10).

É este o momento de uma sucinta apresentação da teoria de DK. Trata-se de uma retomada – a partir dos *Tipos Psicológicos* de Jung e das pesquisas de Isabel Myers (co-autora de *PUMI*) – da doutrina dos 4 temperamentos da antiga Grécia. Embora DK se esforce por traçar paralelos com Hipócrates e Platão, há substanciais diferenças. Seja como for, o site oficial de Keirsey define:

**Temperament** is a configuration of observable personality traits, such as habits of communication, patterns of action, and sets of characteristic attitudes, values, and talents. It also encompasses personal needs, the kinds of contributions that individuals make in the workplace, and the roles they play in society. Dr. David Keirsey has identified mankind’s four basic temperaments as the Artisan, the Guardian, the Rational, and the Idealist.

Each temperament has its own unique qualities and shortcomings, strengths and challenges. What accounts for these differences? To use the idea of Temperament most effectively, it is important to understand that the four temperaments are not simply arbitrary collections of characteristics, but spring from an interaction of the two basic dimensions of human behavior: our communication and our action, our words and our deeds, or, simply, *what we say* and *what we do*<sup>11</sup>

DK baseia-se nas funções e disposições descritas por Jung (daí também a estranheza que a terminologia pode causar ao leitor leigo, que, inadvertido, facilmente pode ser levado a equívoco). Assim, seus elementos mais fundamentais são os pares opostos de preferências: I/E (*Introversão/ Extroversão*); S/N (*Sensible / iNtuição*); T/F (*Thinking / Feeling*) e J/P (*Judgement / Percepção*).

---

11. [http://www.keirsey.com/4temps/overview\\_temperaments.asp](http://www.keirsey.com/4temps/overview_temperaments.asp). Acesso em 02-04-14.

As diferenças principais<sup>12</sup> entre as propostas de Keirsey e a de Jung são assim apresentadas por Ramos da Silva:

De modo geral, Keirsey e Bates introduzem, em relação à tipologia junguiana, dois aspectos diferenciadores. O primeiro relaciona-se à introversão e extroversão, consideradas não mais como atitudes ou dimensões básicas mas como um par de dimensões no mesmo grau de igualdade com as demais, cuja importância é, de certa forma, minimizada pelos autores. O segundo aspecto relaciona-se à introdução do par de preferências denominadas percepção / julgamento ou atitude judicativa (P/J). Essas diferenciações atribuem à tipologia apresentada pelos autores um caráter inovador, que a diferencia da tipologia original de Jung e de Myers-Briggs.<sup>13</sup>

### “Átomos” e “Moléculas” em Keirsey

Penso que o melhor modo de apresentar a visão keirseyan de temperamento é por meio de uma comparação: o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição – em nível original e superior – da união de dois “átomos” de preferências básicas.

Para DK os temperamentos se configuram, assim, como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas.

Começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (Sensible ou iNtuition): S é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. Para compreendermos o N – em contraste com o S –, recorramos, uma vez mais, a M. L. Ramos da Silva:

---

12. Para uma análise mais completa, veja-se: Silva, Maria de Lourdes Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992, pp. 31 e ss.

13. *Op. cit.*, p. 43.

Enquanto a pessoa realista e sensata (S) é geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes, a pessoa intuitiva é geralmente inovativa, utiliza metáforas, imagens vívidas, convive com devaneios e desfruta a fantasia e a ficção. A pessoa que se caracteriza pela sensatez acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida. Para a pessoa intuitiva, que Keirse/Bates denominam com a letra N (2ª. letra da palavra intuição) para não confundir com a letra I, de introversão, o possível está sempre diante dela, excitando-a e atraindo sua imaginação, pois, para ela, a vida é repleta de possibilidades. Por essa razão, trabalha principalmente no tempo futuro e com ideias complexas, procurando organizá-las num todo harmônico. Essas visões e intuições podem manifestar-se em qualquer âmbito do conhecimento, como na filosofia, nas artes e na vida social. A pessoa realista também possui intuições, mas como não lhes dá muita importância, ignorando-as e não confiando nelas, estas acabam por ficar estáticas e paralisadas. Por outro lado, a pessoa intuitiva, como tende a ignorar a realidade, acaba perdendo contato com o ambiente que a cerca. O intuitivo vive na antecipação: tudo o que é, é percebido apenas como um ponto de referência e, por essa razão, experimenta frequentemente uma vaga sensação de insatisfação e de inquietude, aborrecido com a realidade presente, já que está sempre voltado para as possibilidades de mudança ou de aperfeiçoamento do real. Consequentemente, pode passar de uma atividade a outra sem terminar nenhuma delas. Para a pessoa realista, o intuitivo se configura como uma pessoa inconstante, “voadora”. A pessoa S configura-se para o intuitivo como exasperantemente lenta em perceber as possibilidades do amanhã, muito “pés no chão” (...) Finalmente, enquanto a pessoa realista valoriza a experiência, a sabedoria do passado e é essencialmente prática, a pessoa intuitiva valoriza a intuição, a visão de futuro, é mais especulativa e voltada para a inspiração do momento (...) as palavras-chave que caracterizam a pessoa intuitiva são: possível, fantasia, ficção, imaginação.<sup>14</sup>

---

14. *Op. cit.*, pp. 39-40.



Uma vez estabelecida essa primeira distinção (S/N), se a preferência for S, o tipo de temperamento se complementa com a união com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis temperamentos: SP e SJ.

P é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos-padrão, rotinas, esquemas e prazos; já a preferência J é pelos procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas, prazos etc.

O temperamento SP move-se pela ação, pela ação impulsiva; pela busca do prazer, do lúdico. Ou em um artigo mais recente de Ramos da Silva:

Em função das reações que o caracterizam, o tipo SP (realista perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. Indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise. O tipo SJ (realista judicativo), ao contrário, não gosta de improvisações e adapta-se com facilidade aos regulamentos, às regras e aos diversos modos de trabalho nas organizações, respeitando sempre as hierarquias. Por essa razão, o dever e a responsabilidade em relação a tudo que lhe diz respeito representam suas características pessoais marcantes.<sup>15</sup>

Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos, assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal e sensível (F de *Feeling*) em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*).

No artigo citado, Ramos da Silva resume os correspondentes temperamentos NT e NF:

---

15. Silva, Maria de Lourdes Ramos da “O Referencial de Keirsey e Bates como um dos Fundamentos da Ação Docente”, Revista *Mirandum*, São Paulo, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ do Porto, 2003, N. 14. <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm>, acesso em 02-04-14.

O perfil NT (intuitivo racional) orienta-se para a competência, a capacidade e o saber. Aprender é uma preocupação constante, já que é o mais autocrítico de todos os perfis, sentindo compulsão para modificar o ambiente em que atua. O NF (intuitivo sensível), por sua vez, orienta-se essencialmente para a sua auto-realização e a defesa de sua individualidade, integridade e coerência interna, trabalhando mediante uma visão de perfeição interior.

Calegari e Gemignani,<sup>16</sup> num dos mais recentes estudos sobre DK produzidos entre nós, dão exemplos dos temperamentos com personalidades brasileiras.

SP: Juscelino Kubitschek, Carmen Miranda, Ayrton Senna e Cândido Portinari

SJ: Duque de Caxias, Rachel de Queiroz, Roberto Marinho e Irmã Dulce

NF: Dom Hélder Câmara, Chico Xavier, Sérgio Vieira de Mello e Clarice Lispector.

NT: Assis Chateaubriand, Mário Henrique Simonsen, Santos Dumont e Lina Bo Bardi.

Com a combinação desses 4 temperamentos com as preferências I/E e o outro par surgirão 16 (sub) tipos (ou, em outras análises de Keirsey, que desconsideram o par E/I, 8 (sub)tipos).

---

16. Calegari, Maria da Luz & Gemignani, Orlando. *Temperamento e carreira*, São Paulo, Summus, 2006.

# Uma apresentação dos tipos S de David Keirse

No final de 2012, apliquei o teste de Keirse, com extraordinário êxito, para meus 30 alunos de graduação em Filosofia na Umesp. Em vez do questionário, uma breve exposição sobre os fatores (em divertido diálogo com a turma: “Quem aqui é a mais extrovertida da classe?” etc.) seguida de um confronto de cada um com os perfis resumidos dos 8 tipos S (que apresento ao final), que constituem mais de 80% da população: ESFP, ISFP, ESTP, ISTP, ESFJ, ISFJ, ISTJ, ESTJ. A grande maioria se reconheceu no tipo que havia identificado para si durante a exposição.

Ao contrário do Sorter tradicional, o método da exposição por temas permite reforços quando a classe reclama maiores explicações, improvisações, caricaturas nítidas (com as devidas advertências) etc.

E a descontração do lúdico. Avisamos aos alunos (evidentemente, de brincadeira) que o professor havia tomado uns estimulantes etílicos para descontrair e que iria lhe permitir fazer piadas e empregar termos pouco convencionais nas explicações dos fatores e tipos. Estamos convencidos de que esse clima jocoso muito contribuiu para o sucesso da experiência.

Assim, ao explicar que o Introvertido (I) sofre na interação com estranhos, enquanto o Extrovertido (E) aprecia essa mesma interação, valemo-nos (entre outras) de divertidas situações de elevador, nas quais a diferença I x E torna-se clara.

Para o par F/ T, valemo-nos do contraste já recolhido anteriormente, ao tratarmos de metodologia.

A exposição é muito fácil para E / I; F / T; J / P. Quanto ao par S / N, optamos por introduzir outra importante inovação metodológica. Pareceu-nos melhor do que a insistência em identificar o fator atômico N, vê-lo realizado em suas duas possibilidades “moleculares” de temperamento: NT e NF (enfatizaremos este último, que é o grande problema de captação para os demais tipos).

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa “sensível”, mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que “se liga” mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para a essência. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos.

Vamos aos exemplos, um tanto caricatos. Quando éramos crianças, a avó dividiu uma barra de chocolate entre dois netinhos. Um deles reclamou: “- Ô vó, a metade dele é maior”. E o priminho N (NT), que não era parte interessada naquela partilha, reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: “- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a *parte* dele é maior, mas metades são sempre iguais”.

Outro priminho, acentuadamente N (NF) ao ouvir a canção infantil da época: “Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar seu sonho infantil / Ó meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil”, indagou: “- Por que só do Brasil? Jesus não olha as crianças de outros países? Todas as crianças não têm os mesmos direitos?”

Outro exemplo caricato. Começa a chover. O NT talvez considere que não dominamos totalmente a meteorologia e fique se indagando quais são os fatores, as variáveis que intervêm nos fenômenos climáticos e fique concentrado em imaginar as equações que poderiam dar conta desse fenômeno e, também talvez, as possibilidades de aplicação de resultados para a agricultura etc.. O NF pode mergulhar em considerações nostálgicas sobre a infância

distante ou em amores perdidos ou ficar pensando no caráter ambivalente da chuva – um bem para a humanidade, mas ao mesmo tempo um estorvo – e tomar a chuva como uma metáfora para os relacionamentos humanos... O SP, com um forte lado lúdico, pode se sentir convidado a brincar na chuva. E o SJ, com seu sentido de dever, é quem vai tirar a roupa do varal.

Enquanto os S preferem uma linguagem direta, concreta e denotativa, os N sentem-se mais à vontade expressando-se por metáforas; especialmente os NF (não esqueçamos que F é de feeling: sentimento) apreciam metáforas para expressar os sentimentos humanos; habitam o simbólico não os fatos. O próprio DK (1988, p. 120) exemplifica com a poeta Emily Dickinson:

**Exultação é ir-se a alma**

Do interior para o mar,  
Passando casas – promontórios  
– Até a vasta Eternidade –  
Como nós, dentre montanhas,  
Pode o marujo entender  
A divina embriaguez  
Que é o desligar-se da terra  
Pela primeira vez?

([http://www.emilycecilia.com.br/fontes\\_new/poemas\\_ed\\_traduzidos\\_lucia.htm](http://www.emilycecilia.com.br/fontes_new/poemas_ed_traduzidos_lucia.htm))

Tudo isto é *nonsense* do ponto de vista S, fator de realismo dos fatos. Vejamos o olhar NF da poeta NF Adélia Prado (1991 p.199), para algo extremamente material, a pedra: “De vez em quando Deus me tira a poesia / Olho pedra e vejo pedra mesmo”.

A mesma “complicação” N, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso poema de Drummond. Ou com a pedra de Sartre. De repente, como no início do romance *A náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de

abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar. (SARTRE, 2005 s/p).

Apresento a seguir o perfil resumido dos oito tipos S.

Perfil resumido dos oito tipos S de Keirsey  
(extraídos de <http://www.keirsey.com/> Tradução de Jean Lauand)

### ESTJ Supervisor

–  $\geq 10\%$  da pop. Altamente ligado em instituições que estruturam a vida social e da comunidade: muitos ESTJ assumem cargos de responsabilidade na escola, igreja, associações de bairro, profissionais, cívicas... São generosos com seu tempo e energias e frequentemente pertencem a (e lideram) clubes de serviço, associações de ex-alunos etc. Valorizam hierarquias e cooperam com os superiores (e esperam cooperação dos subordinados); a hierarquia tem seus deveres (e também seus privilégios). Sentem-se à vontade em organizar esquemas, agendas, inventários de dados (às quais SP são avessos) e preferem fazer as coisas pelo “caminho das pedras”, por modos já avaliados pela experiência em vez de arriscar novos modos ou improvisação: são pés no chão, arroz-feijão, “time que está ganhando, não

mexe”... e também esperam isso dos que estão sob sua “supervisão”: empregados, alunos, cônjuge, filhos. Sentem-se à vontade como avaliadores e, ao avaliar, tendem a julgar em termos do envolvimento da pessoa com os padrões e procedimentos estabelecidos. Têm uma enorme capacidade de trabalho, já manifesta desde a infância (na escola, por ex.) e respeitam os pais como figuras de autoridade. Desde crianças, costumam ser os alunos modelo, responsáveis para com os professores, fazem todo o dever de casa pontualmente. Certinhos, fazem o que se espera deles, raramente questionam os professores, métodos de ensino, padrões e autoridades. E também na vida adulta com o trabalho e a família. Os ESTJ enfocam as relações humanas em bases tradicionais. Casamento e paternidade são sagrados, tendem a ter um amplo e duradouro círculo de amigos. Reuniões e cerimônias sociais têm muito significado para eles e aguardam com expectativa formaturas, casamentos e bodas, reuniões anuais da turma etc. Em situações sociais, sentem-se à vontade e conversam facilmente com todos, embora tenham certa tendência a formalismos. São o que são “normais” e as pessoas facilmente os identificam como tais.

### ISTJ Inspetor

– ≤ 10 % da pop. Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiões (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que todos fossem responsáveis como ele.

Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é o discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.

### ESFJ Provedor

–  $\geq 10\%$  da pop. Tomam sobre si a responsabilidade pela saúde e bem estar daqueles de quem cuidam, mas, são também os mais sociáveis dos SJ: são eles que fomentam e mantêm instituições sociais como igrejas, clubes sociais, grupos cívicos etc. Aonde quer que vá, não poupa tempo e energias para que as necessidades dos outros estejam atendidas e aquelas funções sociais exerçam seu papel. São talentosos em fazer que seus ajudantes trabalhem em equipe e são incansáveis em sua atenção para detalhes em proporcionar bens e serviços. São grandes organizadores de bailes, banquetes, reuniões da turma, em grangear fundos para caridade etc. Incomparáveis mestres de cerimônia, falam em público com desembaraço. Notáveis como anfitriões, sabem o nome de cada convidado e o que cada um anda



fazendo; e busca que todos estejam envolvidos e bem atendidos. Sociáveis, podem sentir-se incômodos quando estão sozinhos. A amizade é muito importante para os ESFJ e as conversas com os amigos frequentemente volta-se para recordar os bons tempos do passado. Tradições de família são sagradas e preparam com cuidado aniversários, bodas etc. São fascinados por saber novidades dos amigos e vizinhos: se v. quiser saber o que anda acontecendo na comunidade local (escola, paróquia etc.) eles darão todos os detalhes. São extremamente sensíveis aos sentimentos dos outros (o ESFJ é talvez o tipo mais empático) e também muito susceptíveis ao que os outros pensam deles. Sendo amáveis e afetivos, precisam ser amados e considerados pelos demais. Podem ser esmagados pelas críticas; mas, são extremamente felizes quando são apreciados pessoalmente e pelo incansável serviço que prestam aos demais.

### ISFJ Protetor

– ≤ 10 % da pop. Sorte nossa que os Protetores atingem cerca de 10% da população, pois seu interesse principal é a segurança e a proteção daqueles de quem eles se ocupam – sua família, alunos, amigos, pacientes, chefe, colegas ou empregados. Os Protetores têm um extraordinário sentido de lealdade e responsabilidade e se sentem realizados ao proporcionarem escudos contra os perigos e sujeiras do mundo. Não são dados a teorias ou a testar coisas novas, preferindo valer-se de produtos e procedimentos consagrados pelo tempo em vez de mudar para coisas novas. No trabalho, sentem-se desconfortáveis em situações nas quais as regras estão constantemente mudando e nos quais os procedimentos estabelecidos pelos anos não são respeitados. Valorizam a tradição na cultura e em suas famílias. Acreditam profundamente na hierarquia conferida por nascimento, títulos, cargos e credenciais. Prezam a história da família e gostam de cuidar das propriedades da família. Gostam de estar ao serviço dos outros e são

excelentes em assistir necessitados, deficientes e oprimidos. Não são extrovertidos como os ESFJ e sua timidez pode ser erradamente interpretada como dureza ou frieza, quando na verdade são acolhedores e compreensivos, dedicando-se de bom grado aos necessitados. Na verdade sua reserva deve ser vista como expressão de sua sinceridade e seriedade. O mais dedicado de todos os tipos, os ISFJ gostam de trabalhar dura e longamente e naqueles trabalhos que ninguém reconhece e todos evitam. Frequentemente gostam de trabalhar sozinhos; se são chefes podem fazer o trabalho eles mesmos em vez de encarregar outros. Sóbrios e discretos. Se assumem uma tarefa entregam-se totalmente a ela. Valorizam cada real e detestam o desperdício de dinheiro. Sabem o valor de poupar e de dispor de reservas para emergências. Frequentemente estão sobrecarregados de trabalho, sem reconhecimento por parte dos outros. Suas contribuições são dadas por assente e raramente recebem a gratidão que merecem.

### ESFP Performer

–  $\geq 10\%$  da pop. Performers têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ISFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para

os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vívidos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

### ISTP Crafters

– ≤ 10 % da pop. A natureza dos Crafters se mostra mais em seu exímio domínio de ferramentas, equipamentos, máquinas e instrumentos de todo tipo. Desde pequenos são atraídos magneticamente por ferramentas: elas vêm às suas mãos pedindo para serem usadas. Como todos os SP, Crafters amam a ação, e intuem instintivamente que ela será mais agradável e eficaz se feita por impulso, espontaneamente, sem estar sujeita a esquemas ou padrões pré-estabelecidos. Em certo sentido, os ISTP não trabalham com suas ferramentas, mas brincam com elas, quando bate o impulso. Também buscam diversão e jogos no impulso, procurando ocasião de usar seus “brinquedos”, que podem ser carros, motos, rifles de caça, apetrechos de pesca, e mergulho etc. Buscam excitação, especialmente em corridas de carro, esqui aquático, surfe etc. Destemidos nesse seu “brincar”, expõem-se ao perigo uma e outra vez, apesar dos frequentes ferimentos. Não

é fácil conhecer os Crafters: talvez porque tendam a se comunicar com ação e não se interessem por desenvolver habilidades verbais. Essa falta de comunicação pode deixá-los isolados na escola ou no trabalho e mesmo que se enturmem com os de seu tipo, sua conversa é escassa. Podem ser muito generosos e leais aos amigos e colegas, abdicando de seus fins de semana e tempo livre para consertos e projetos, trabalhando em carros e botes. Por outro lado, podem ser ousadamente insubordinados para com a autoridade, desprezando regras e regulamentos, que, para ele, são uma complicação desnecessária. Não que se insurjam abertamente contra os regulamentos, simplesmente os ignoram. Mais do que tudo, prezam a liberdade para sua ação e sentem-se orgulhosos dessa sua capacidade “artística”.

### ISFP Composer

– ≤ 10 % da pop. Mais do que os outros SP, os ISFP estão em sintonia com em seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Os ISFP pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos ou seja lá o que for como um imperativo. Essa capacidade de se perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns ISFP e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável. ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços

até com animais, mesmo animais selvagens. Muitos ISFP sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da inexplorada. Os ISFP são muito difíceis de serem observados e são mal interpretados. A dificuldade geralmente procede de sua tendência a não se expressarem verbalmente, mas por meio de sua arte. Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc. Sim, querem partilhar sua visão de mundo, desde que achem algum meio não verbal, artístico e só aí, então, revelam seu caráter.

### ESTP Promoters

–  $\geq 10\%$  da pop. Gente de ação, a vida nunca está parada ao redor deles. Quando o ESTP está presente, as coisas começam a acontecer: as luzes se acendem, a música toca, o jogo começa. Cheios de vida e divertidos, mesmo as situações mais banais parecem excitantes. Sempre buscam novas atividades e desafios. Ousados e otimistas assumem grandes riscos para obter o que querem. São os melhores administradores de problemas de emergência, grandes negociadores e podem ser grandes empreendedores de iniciativas. Os ESTP têm também um forte apetite pelas coisas finas da vida: a melhor comida, o melhor vinho, carros caros e roupas de grife. São sofisticados nos círculos sociais e conhecem muitíssimas pessoas pelo nome e sabem dizer a coisa certa para todos que encontram. Charmosos e populares, fazem a delícia dos amigos com seu infinito repertório de piadas e casos. Mas, ao mesmo tempo, são um certo mistério para os outros. Vivendo para o momento e para o imprevisto, raramente deixam alguém ganhar intimidade. Têm baixa tolerância para autoridade e compromisso e tendem a abandonar situações quando chega a hora de se enquadrar ou tocar o segundo violino. Os ESFP sabem que o mais veloz fica sozinho, embora sua solidão não tenda a durar muito,

pois sua ousadia e gosto por aventura tornam-no muito atraente para muitas pessoas.

## Referências bibliográficas

Keirsey, David *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

Keirsey, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984.

Lauand, João Sérgio. A teoria dos temperamentos de Keirsey. *Notandum Libro* 16, São Paulo: Cemoroc-Feusp, 2012, pp. 15-19.

PRADO, Adélia *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SARTRE, J.-P. *A Náusea*: Lisboa, Europa-América, 2005 Acesso em 05-08-11 <http://pt.scribd.com/doc/7165292/Jean-Paul-Sartre-Nausea>.

# Mundo Árabe e Sistema Língua-Pensamento: os provérbios

Língua e forma de pensamento. 7 características da língua

Quando uma realidade expressa muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, a gíria diz que “é (ou tem) a cara dela”. Assim, de acordo com as preferências (ou as maledicências...), diz-se que pizza e engarrafamento têm a cara de São Paulo; Zeca Pagodinho, futevoley e feriado municipal no dia de São Jorge (23 de abril, que emenda com o feriado nacional de Tiradentes – 21 de abril) têm a cara do Rio etc.

De um modo muito essencial, pode-se dizer que os provérbios “têm a cara” do Oriente e especialmente – no caso que analisaremos aqui – a cara da língua árabe (e das línguas semitas em geral). Não que outras línguas e culturas não possam ter provérbios – claro que todas os têm –, mas há uma especial afinidade entre o árabe e o provérbio.

Para entender o alcance do papel exercido pelo *mathal*<sup>17</sup> (provérbio) na cultura e na educação árabes é necessário considerar algumas características da língua árabe.

Como se sabe, as características de uma língua transcendem o âmbito da mera comunicação e influenciam decisivamente o próprio

---

17. A tradução do conceito do confundente *mathal* (plural: *amthal*) pode ser aproximada pelos nossos “provérbio”, “comparação”, “parábola” etc. Ao longo deste estudo, enfatizo a dimensão “provérbio” do *mathal*.

modo de ver o mundo, condicionando de forma fundamental a cultura e todas as suas manifestações.

Daí que o filósofo Johannes Lohmann prefira falar – e ele contempla, de modo especial, o caso do árabe – em *sistema de língua/pensamento*.<sup>18</sup>

Compreender as bases do sistema língua/pensamento árabe é o primeiro passo para analisar os *amthal* como fenômeno tipicamente oriental (semítico e árabe). Destacam-se, assim, sete características da língua/forma de pensamento árabe: o peculiar uso da frase nominal, a associação imediata, a flexão de raízes, o *pensamento confundente*, a metátese, o papel da imagem concreta e a ligação com o passado.

Estes pontos da língua/forma do pensamento árabe parecem-me particularmente importantes para a análise do papel dos provérbios na cultura árabe, sem que nos esqueçamos de outras características culturais, próprias da mentalidade árabe: a hospitalidade, o apreço pelas narrativas, pelo juramento etc.

Uma observação importante sobre as relações entre língua e forma de pensamento é a de que “o que nos interessa não são as línguas em si, mas as línguas enquanto pré-determinam uma certa concepção de mundo para o falante, ou como diz Heidegger, *eine Erschlossenheit des Daseins*”.<sup>19</sup>

Em outras palavras, o alcance do pensamento condiciona-se pela linguagem. Não só pelo maior ou menor número e profundidade de conceitos e potencial expressivo dos vocábulos, mas também (e principalmente) pelas estruturas peculiares de cada língua ou famílias de línguas.

---

18. O texto fundamental, no caso, é o artigo de Lohmann “Ma’na e Logos - estruturas linguísticas e formas de pensamento” Notandum 31, jan-abr 2013 <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf>.

19. Lohmann, *art. cit.*, Embora seja radical a posição de Lohmann, não resta dúvida de que há – se não uma determinação – pelo menos um forte condicionamento do pensamento pelas estruturas da língua. Talvez fosse melhor falar em interação dialética, na medida em que também o pensamento influencia a formação da língua.



## 1.1 O verbo “ser” e a frase nominal

Um primeiro fato gramatical/mental que fundamenta o conceito lohmanniano de língua/pensamento dá-se em torno dos peculiares usos do verbo “ser”. Ao contrário do árabe, no centro semântico do sistema grego “encontra-se o verbo *esti* (ser) que, segundo Aristóteles, está implicitamente contido em qualquer outro verbo”.<sup>20</sup>

O ocidental, hoje, desde o início da aprendizagem formal da língua, está acostumado a pensar que toda frase é composta de nome e verbo. Quando, porém, entra em contato com a gramática árabe, surpreende-se com a presença constante da frase nominal, isto é, com o que, do ponto de vista ocidental, se considera frase nominal.

Para o árabe simplesmente não existe o verbo “ser” como verbo de ligação, e ele está muito mais familiarizado com a frase nominal do que o ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito o mesmo verbo “ser”.

Essa função copulativa do verbo “ser” é uma particularidade das línguas indo-europeias a que já estamos tão habituados que não reparamos quanto é dispensável nem temos consciência de que possa inexistir em outras famílias lingüísticas.

Nós mesmos prescindimos do verbo “ser” em certos contextos<sup>21</sup> e, particularmente, em alguns enunciados proverbiais, como “tal pai, tal filho”, “casa de ferreiro, espeto de pau”, “cada macaco no seu galho”. E não é por acaso que seja precisamente no campo dos provérbios que o ocidental se aproxima da estrutura lingüística (e da forma de pensamento...!) árabe.

---

20. *Art. cit.*, p. 35.

21. Em contextos muito determinados, como em certas manchetes de jornal: “Empresa tal em concordata”, “Mais uma goleada da Seleção”, “Dobradinha alemã em Silverstone” ou na linguagem telegráfica: “Estoque hoje mil unidades”, “Melhores votos novo casal” etc.

A tradição ocidental herdou a consideração de que o verbo “ser” – que o português e o espanhol desdobram em “ser” e “estar” – encontra-se presente (ou pelo menos implícito) em toda sentença e subjaz a toda ação verbal. Por exemplo:

“Chove” corresponde a “é/está chovendo”. Quando emprega a frase nominal, o ocidental pretende expressar algum tipo de ênfase peculiar, ao passo que o árabe, ao fazê-lo, está simplesmente se exprimindo de modo espontâneo, de acordo com sua postura diante da vida, com seu espírito essencialmente poético. Daí a particular afinidade da língua árabe com a estrutura dos provérbios, como se pode ver nos seguintes *amthal*:

*Cão do grande, grande, e cão do príncipe, príncipe.*

*(Kalb al-kabyr kabyr wa kalb al-amyr amy)*

O sentido é claro: O cão que pertence ao homem grande deve – em atenção a este – ser tratado com a mesma deferência devida a seu dono e, do mesmo modo, o cão do príncipe é, por extensão, príncipe também.

*Opressão do gato e não justiça do rato.*

Ou seja, é preferível, é mais suportável (se não houvesse outra possibilidade de escolha) a opressão exercida pelo gato no poder do que a justiça do rato. O sentido é claro: o mais decisivo é a retidão moral do poderoso...

## 1.2 Associação imediata

Se o sistema língua/pensamento *logos* – tal como se refere Lohmann ao sistema grego –, centrado no verbo “ser”, promove a busca de correspondência exata entre pensamento e realidade,<sup>22</sup> o

---

22. Busca que ocorre, por excelência, no caso do grego clássico.

sistema árabe, *ma'na*, tende a um pensamento (e a uma comunicação...) por associação imediata, em que as conexões lógicas não precisam ser explicitadas.

Obviamente, os diversos fatos lingüísticos (lingüístico-mentais) que estou enumerando um tanto compartimentadamente são, na realidade, interligados. A associação imediata é o complemento natural da ausência do verbo “ser” enquanto verbo de ligação, o que se pode evidenciar – entre tantas outras instâncias – em diversos enunciados de provérbios como, por exemplo:

*O vizinho antes da moradia.*  
(*Al-jar qabla ad-dar*)

É mais importante pensar no vizinho que se vai ter do que na casa em que se vai morar.

*O companheiro antes da viagem.*  
(*Ar-rafyq qabla at-taryq*)

Mais importante do que a viagem que se vai fazer é ter um bom companheiro de viagem.

Curiosamente, o melhor exemplo ocidental desse aspecto da forma de pensamento árabe, marcada pela ausência do verbo “ser”, é encontrado na poesia que mais insistentemente dele faz uso: *Águas de Março*, de Tom Jobim.

Grande e grandiosa, inquietante, *Águas de Março* soa a nossos ouvidos, sempre de novo, conforme sua letra, como “um mistério profundo”. Parte desse mistério reside, talvez, no fato de a poesia de *Águas de Março* nos arrancar de nossos padrões usuais de pensamento ocidental e nos conduzir às formas de pensamento do Oriente, por excelência “lugar” do mistério.

Heidegger – ao final de seu *Que é a filosofia?* – diz que não só a linguagem está a serviço do pensamento, mas também se dá o contrário. É bem o caso de *Águas de Março*, em que, tal como a

linguagem-pensamento árabe, em vez dos complicados discursos lógico-gramaticalmente articulados pela mente ocidental, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes em frases nominais provenientes de uma imaginação fulgurante, com a irresistível força da imagem concreta.

Uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite típico-caricatural, descrita por um ocidental nos seguintes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o e disparei a atiradeira, a fim de atingi-lo; de fato, atingi-o e, por conseguinte, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”.

Já o árabe tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em *Águas de Março*: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”.

Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em ocidental: “O carro enguiçou, devido à avaria provocada por excesso de lama”, excesso antes expresso semiticamente pela repetição: “lama, lama”) etc.

Naturalmente, a presença constante do verbo “ser” na letra de *Águas de Março* não invalida a semelhança com o caráter oriental do pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois se trata da forma fraca, descartável, desse verbo.

Aliás, a orientalização chega ao extremo quando, no final da canção, interpretada por Tom e Elis Regina, o verbo ser é suprimido e se diz simplesmente:

Pau, pedra,	fim caminho
Resto, toco,	pouco sozinho
Caco, vidro,	vida, sol
Noite, morte,	laço, anzol

### 1.3 Flexão de temas e de raízes

Um outro importante aspecto do sistema língua/pensamento é assim expresso por Lohmann: “O árabe, como o semítico em geral, de um lado, e o grego, de outro, estabelecem relações com o mundo: um, principalmente pelo ouvido e o outro, pelo olho. Tal fato levou o falante semítico a uma preponderância da religião, enquanto o grego tornou-se o inventor da teoria. Daí decorre (ou procede...?) uma diferença análoga das respectivas línguas, quanto a seu tipo de expressão. Cada um desses dois tipos caracteriza-se por um procedimento gramatical específico: flexão de raízes no semítico e flexão de temas no indo-europeu antigo”.<sup>23</sup>

Este fato é de extraordinário relevo para a compreensão da visão de mundo oriental com sua “indeterminação” e flexibilidade semânticas, que se manifestam primeiramente em fenômenos de sintaxe. Lohmann chama a atenção para a dimensão semântica de a flexão (de desinência) grega/latina deixar inalterada a raiz da palavra (correspondente à *ousía*, à *substantia*). No exemplo tradicional das gramáticas elementares de latim, o radical *ros*, de rosa, permanece fixo, pois uma rosa é uma rosa; qualquer outro fator (seu relacionamento com o mundo exterior, com o pensamento humano ou com qualidades que *são* nela), da cor da rosa (genitivo) ao mosquito nela pousado (ablativo), é refletido pelas desinências *rosam*, *rosarum*, *rosae* etc.

O árabe, por sua vez, não tem radicais fixos: o radical trilítere, digamos *S-L-M*, é *intra-flexionado*: *SaLaM*; *iSLaM*; *SaLyM*; *muSLiM* etc.

---

23. *Art. cit.*, p. 36.

## 1.4 Pensamento confundente

Para compreendermos a complexidade do potencial semântico dessas raízes semíticas, e para poder estabelecer relações com os *amthal*, recolho aqui algumas considerações sobre o conceito – tomado aos filósofos espanhóis Julián Marías e José Ortega y Gasset – de “pensamento confundente”.

Esse conceito não traz, em si, nenhuma carga pejorativa; trata-se antes de uma legítima e fecunda forma de pensamento, como explica Julián Marías:

Uma das mais interessantes descobertas de Ortega y Gasset é a do *pensamento confundente* (grifo nosso): confundir é uma função tão necessária quanto distinguir, porque permite descobrir as conexões entre realidades que, por outro lado, é necessário distinguir [...]. “Muitas vezes me tenho referido à vaguíssima e estupenda palavra de nossa língua ‘bicho’ – palavra exasperante para um zoólogo [...] –, que permite designar inúmeras espécies animais, prescindindo de suas diferenças. Se estou lendo ou escrevendo e entra um inseto pela janela - como no poema de Dámaso Alonso -, não poderia tomar facilmente uma decisão de conduta se tivesse que comportar-me com ele de acordo com sua espécie. Mas, o que quero é unicamente tirá-lo daqui, e tenho que tratá-lo como ‘bicho’ sem estabelecer outros questionamentos.”<sup>24</sup>

Essa atenção ao confundente no sistema língua-pensamento-realidade é uma rica dimensão da forma de pensamento das línguas semíticas. Como se sabe, nas línguas semíticas (como o árabe ou o hebraico), a mesma palavra ou, mais amplamente, o mesmo radical tri-consonantal,<sup>25</sup> *confunde* em si (de um ponto de vista ocidental) diversos significados, oferecendo-nos a oportunidade de apreensão de relações de significado até então insuspeitadas.

---

24. MARIÁS, J. *La felicidad humana*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 16-17.

25. Como se sabe, o radical tri-lítere é que é a alma da palavra semita.

Pense-se (é um primeiro exemplo) no fato de que o árabe – pela “confusão” de sentidos no radical *S-D-Q* – é convidado (ou mesmo compelido) a pensar como indissociáveis conceitos tão distintos (para o ocidental) como amizade e confiança.

É o caso também do radical *S-L-M* da palavra *salam* (ou, em hebraico, *Sh-L-M* de *shalom*), que o ocidental costuma traduzir por “paz”.

Em torno desta raiz, *S-L-M*, confundem-se na linguagem – e no pensamento...<sup>26</sup> –, entre muitos outros, os significados de: integridade<sup>27</sup> no sentido físico<sup>28</sup> e moral (*salym* é o íntegro); saúde (e fórmula universal de saudação), normalidade (o plural *sálim* na gramática é o plural regular); salvação (“sair-se são e salvo”, mas também salvação no sentido religioso); submissão, aceitação (de boa ou má vontade), daí *islam* e *muslim* (muçulmano); acolhimento; conclusão de um assunto; paz etc.

Exemplifiquemos também com um contexto familiar, o da Bíblia. Nela encontramos o radical *S-L-M* “confundindo” diversos conceitos, para o pensamento ocidental totalmente distintos. Assim, de Salomão (*Salumun, Sulaiman*), Deus diz a seu pai Davi (este, sim, um homem de guerras): “Este teu filho será um homem de paz, pois Salomão é o seu nome” (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a *integridade*, a *união* do reino de *Salumun* e diz: “Todavia, não tirarei da mão dele parte alguma do reino...” (1 Reis 11,34). *S-L-M*, no sentido de concluir, acabar, aparece no livro de Esdras, em que encontramos Sesabassar encarregado da construção do templo, “que ainda não está *concluído*” (Esd 5,16). *S-L-M*, como

---

26. Confundem-se na linguagem, no pensamento e... na própria realidade.

27. Nesse sentido primário de *Salam/Shalom*, como união, integração, remoção de barreiras, entende-se melhor a sentença – um dos tantos semitismos no grego neotestamentário – do apóstolo Paulo: “Cristo, nossa *paz*, que de dois fez um, derrubando o muro que os separava” (Ef 2,14). Se, para um ocidental, esta sentença é enigmática, para um semita ela é clara: nossa *paz* é o mesmo que “nosso integrador”.

28. Assim se compreende que *sullum* seja a escada, a que faz a união.

entregar completamente, colocar ao inteiro dispor, é usado em: “Deposita diante de Deus, em Jerusalém, os utensílios que te foram *entregues*, para o serviço do templo do teu Deus” (Esd 7,19). Etc. etc.

## 1.5 Metáteses

O ocidental já fica surpreso com a “imprecisão” e a extrema amplitude do campo semântico em torno dos radicais tri-consonantais árabes que para o falante árabe são normais.

Geralmente, o radical árabe é definido pelas três consoantes, alma da palavra árabe, e as vogais só fazem a articulação periférica do sentido. Um exemplo, calcado em português,<sup>29</sup> ajudar-nos-á a compreender a clave árabe: é como se, para nós, fosse imediatamente claro não haver hiato semântico entre palavras nossas como *carta*, *certo*, *curto* e *corta* (pois a atenção estaria principalmente voltada para o “radical” C-R-T); ou, *absoluto*, *obsoleto* e *basalto*; *Datena* e *detona*, *Dilma* e *dilema*...

A questão complica-se ao infinito, para o ocidental, quando ele descobre que ainda há mais: não só o radical trilítere é difuso, mas não é incomum que, por metátese, se lhe associem (ainda mais difusamente) outros campos semânticos.

Freqüentemente, a metátese, isto é, a mudança de ordem das três consoantes, faz surgir uma nova raiz de significado relacionado com a original, como, em português, seria o caso de *terno/tenro* ou *podre/poder* (ou, segundo as más línguas: *senador/desonra*).

Entre nós, a metátese é rara ou casual; no Oriente é freqüente<sup>30</sup> e, muitas vezes, dotada de real (e sugestiva) conexão de sentido. É o que se pode ver nos seguintes exemplos árabes:

---

29. Que não deixa, sem dúvida, de ter suas limitações...

30. O que, para usar outra metátese casual brasileira, desorienta/desnorteia o ocidental.



<i>S F R</i> (viajar)	<i>F R S</i> (cavalo) <sup>31</sup>
<i>K B R</i> (fazer crescer)	<i>B R K</i> (abençoar) <sup>32</sup> <i>B K R</i> (primogênito)
<i>Q M R</i> (lua)	<i>Q M</i> (numerar, regrar)
<i>X R B</i> (beber, brindar)	<i>B X R</i> (alegrar-se, anunciar boa nova)
<i>B H R</i> (mar)	<i>R H B</i> (amplo, espaçoso, ser bem-vindo)
<i>T F L</i> (criança pequena)	<i>L T F</i> (delicado, gracioso)

Comum às línguas semitas, a metátese aparece como outro dos tantos recursos que não possuem algo correspondente nas línguas ocidentais, o que empobrece a tradução, perdendo-se saborosos jogos de linguagem próprios do Oriente. Como faz notar Strus,<sup>33</sup> encontram-se várias metáteses nos relatos bíblicos vetero-testamentários: a primogenitura (*BKR*) é, na Bíblia, associada à bênção (*BRK*) e ao engrandecimento (*KBR*); a forma sonora de *SaRaY*, mulher de Abraão, remete, por metátese, à herança, ao herdeiro (*YRSh*), etc.

Por vezes, os provérbios jogam com metáteses, como é o caso de:

*‘alim bila ‘amil mithl al-gaym bila matar*  
(*Sábio que não age, que não “produz”, que não ensina,*  
*é como nuvem sem chuva.*)

A mesma metátese aparece no Alcorão (11,46): Allah adverte contra o ato – *‘ml* – incorreto: não se deve pedir algo de que não se tem conhecimento – *‘lm*.

---

31. É evidente a relação entre viagem e cavalo. Esses radicais geraram duas palavras conhecidas nossas: um tipo de excursão, *SaFaRi*, e certa patente antiga do exército, *al- FeReS*.

32. Já *Q L L*, ser pouco, é também desprezar e, no hebraico bíblico, amaldiçoar!

33. STRUS, Andrzej. *Nomen-omen*, Roma, Biblical Institute Press, 1978.

## 1.6 A imagem concreta

Paul Auvray, em seu estudo sobre as línguas semíticas, analisa mais uma característica importante para entendermos os provérbios árabes:<sup>34</sup> um acentuado voltar-se para o concreto.

Naturalmente, trata-se de uma questão de *ênfase*, pois – insisto – este voltar-se para o concreto não é apanágio árabe ou semita. É fenômeno humano, *em alguma medida* presente em todas as línguas.

Auvray associa algumas peculiaridades da língua à conhecida observação de que “os antigos semitas não eram muito dados ao pensamento abstrato”.<sup>35</sup> Após lembrar que “são raras em hebraico as palavras verdadeiramente abstratas”, dá alguns exemplos da língua bíblica que são também perfeitamente válidos para o árabe:

O vocábulo *derek*<sup>36</sup> mereceria um longo estudo. Sua primeira acepção é ‘via’, ‘caminho’, mas veio a significar também ‘atividade’, ‘maneira de agir’ ou ‘maneira de pensar’ (cfr. Êx 18,29 e ss.; 23,17 ss.). A imagem encontra-se com frequência nos Salmos e no Novo Testamento, em que o grego *ódos* adquire o mesmo significado. Mas, em numerosas passagens dos escritos mais antigos, tem-se a impressão de que a imagem concebia-se como tal [...]. Outro tanto poderia indicar-se a respeito da palavra *rúah*,<sup>(37)</sup> que se traduz com frequência, e muito precisamente, por ‘espírito’. Não obstante, sua acepção prístina é a de ‘sopro’, ‘vento’. Em muitos textos o autor parece evocar os dois significados, o que complica o trabalho do tradutor: Deus insufla no homem ‘um sopro de vida’ ou ‘um espírito de vida’ (Gên 2,7”).

---

34. AUVRAY, Paul et al. *Las lenguas sagradas*. Trad. del orig. francés – *Les langues Sacrées* – por Juan A. G. Larraya. Andorra, Casal i Vall, 1959, p. 36 e ss.

35. Mais do que as diversas incidências gramaticais dessa atitude (que o autor explora em seu capítulo sobre a estilística semita), interessa-nos aqui a própria atitude em si mesma.

36. Em árabe, *ṭarīq*.

37. Em árabe, *rūh*.

Um sugestivo exemplo é o *mathal* seguinte, em cuja tradução procurei conservar o sabor original árabe de frase nominal:

*Pai dele, alho; mãe, cebola: ele tem mais é que feder.*

Na indefectível e infinita imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma. O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais, diz: “*Min riḥat umuhu*” – ou “*abuhu*” –, do aroma de sua mãe (ou pai) e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo (cfr. 2 Cor 2,15) escrevia que os cristãos devem ser “*bonus Christi odor*”. Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: “herança de berço”, “má-criação”, “má-educação” etc.

Do mesmo modo, para indicar que “cada um sabe de si”, o *mathal* é: “*Só a tua unha é capaz de te coçar direito.*”

Este gosto pelo concreto potenciará os provérbios árabes, pois a imagem evocada pelo *mathal*, mais próxima da realidade imediata, sempre tem mais força persuasiva do que a articulação de mediatos conceitos abstratos.

Se todas as línguas trazem em seu léxico inúmeras associações metafóricas, no árabe este fato é muito mais patente. Para o árabe, a extensão de significado é, por assim dizer, “levada mais a sério” do que no Ocidente...

É bastante ilustrativo o caso de um provérbio que no Ocidente é expresso em extremos de abstração, ao passo que o árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta, figurativa. O ocidental diz: “*Quem o feio ama, bonito lhe parece.*” Mais abstrato, impossível: “Quem”, “o feio”, “bonito”... Já a formulação árabe é:

*Al-qurd b’ayn ummuhu gazal*

*(O macaco, aos olhos de sua mãe – é uma – gazela.)*

Sempre o concreto! Para expressar, por exemplo, que algo é dificultoso e infundável (“Isso – essa conferência, essa visita importante, esse discurso – não acaba nunca!”) evoca-se o mês do jejum: *“Interminável como o Ramadã.”*

O apego do oriental ao concreto obriga a manifestar materialmente as atitudes. A consideração deixa de ser abstrata quando se traduz de modo visível (o que constrange a minoria introvertida...): numa homenagem, deve-se elogiar/presentear ostensivamente; num velório, é necessário chorar convulsivamente; e, numa recepção, comer: *“É no comer que se mostra a afeição (pelo anfitrião).”*

### 1.7 A ligação psicológico-gramatical com o passado

Por fim, temos um particular uso e consideração do passado num fato gramatical (/de pensamento) surpreendente: a gramática árabe vale-se do passado até mesmo para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!” Se é fenômeno normal, em tantas línguas, o emprego do presente para falar do futuro (“Vou jogar bola amanhã”), ou mesmo para referir-se ao passado (“Em todo Natal, viajo”), o uso do passado para referir-se ao futuro é aparentemente descabido. E, no entanto, é assim que a gramática árabe procede. O futuro é, para o árabe, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças proverbiais.

Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos que o português do Brasil, apresenta um uso semelhante, especialmente em linguagem publicitária. Como a do jornal que, anunciando as vantagens de seus anúncios classificados, dizia: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá), ou o serviço de entregas que promete: “mandou, chegou” (o que se mandar, chegará). A ideia é a de que o futuro não é incerto: está avalizado pela certeza própria do passado.

A experiência acumulada (e o que são os provérbios senão acúmulo de experiência?) permite prever com certeza o futuro. Como portar-se mal certamente acarreta castigo, o que dizemos não é “quem escrever e não ler...”, mas, ao modo árabe: “Escreveu, não leu, o pau comeu”. Do mesmo modo a formulação bíblica original é em passado “Semearam ventos, colheram tempestades” (Os 8, 7).

Essa peculiar ligação oriental com o passado, com a imagem concreta, com a associação imediata (esta decorrente da ausência do verbo ser) compõem um quadro do qual emerge o provérbio, como forma privilegiada do sistema língua/pensamento semita, a cara do árabe.

Assim, provérbios árabes que traduzimos valendo-nos do presente são, na verdade, expressos em passado. Por exemplo, as antigas sentenças do poeta Qus Ibn Sa’ida, que traduziríamos por: “Quem vive, morre”, “Quem morre, finda” etc., dizem, na verdade, literalmente:

*Quem viveu, morreu. Quem morreu, findou.*  
(*Man ‘asha mat ua man mata fat*)



# O homem, um ser que esquece

O homem é um ser que esquece!<sup>38</sup>

Se perguntássemos à milenar tradição do pensamento pelos fundamentos da Antropologia, os antigos dar-nos-iam esta sentença – tão simples – para meditar: “O homem é um ser que esquece”!

No Ocidente, já entre os gregos (de Hesíodo a Aristóteles, de Safo a Platão), encontramos constantemente um extraordinário papel dado à memória (por vezes personificada em *Mnemosyne*).

Um dos pontos altos dessa tradição dá-se – 500 anos antes de Cristo – com o poeta grego Píndaro. Seu *Hino a Zeus* – um poema que é, ao mesmo tempo, um tratado de educação – parece<sup>39</sup> apresentar todas as características de uma das maiores obras-primas de todos os tempos.

A cena descrita por Píndaro é clara: Zeus resolve intervir no caos. Toda a confusão e deformidade vai, então, dando lugar à harmonia e à ordem: *kosmos*.

E quando, finalmente, o mundo atinge seu estado de perfeição (estreado a terra, os rios, os animais, o homem...), Zeus oferece um banquete para mostrar aos demais deuses – atônitos ante tanta beleza – a sua criação...

---

38. Ao longo deste texto, seguimos os capítulos de Michèle Simondon “Mnémosyne, mère des Muses” in *La Mémoire et l’Oubli dans la Pensée Grecque jusqu’à la fin du Ve. siècle avant J.C.*, Paris, Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1982; de Bruno Snell “Pindar’s Hymn to Zeus” in *The Discovery of the Mind - The Greek Origins of European Thought*, Cambridge, Harvard Univ. Press, 1953; e, sobretudo, de J. Pieper *Nur der Liebende singt*, Schwabenverlag, 1988, p.35 e ss.

39. O poema só fragmentariamente chegou a nós...

Mas, para surpresa geral, um dos imortais pede a palavra e aponta a Zeus um grave e inesperado defeito: estão faltando criaturas que louvem e reconheçam a grandeza divina desse mundo... pois o homem é um ser que esquece!

O homem, ele que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, o homem, afinal, saiu mal feito, mal acabado, ele tende ao embotamento, à insensibilidade... ao esquecimento!

É a partir dessa constatação – dessa trágica constatação de nossa condição ontológica (também ela, hoje, esquecida...) – que se edifica toda a educação ocidental.

As musas (filhas de *Mnemosyne*), as artes, são já uma primeira tentativa de Zeus para remediar essa situação: elas foram dadas pela divindade ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se... E é por essa mesma razão que os grandes pensadores da tradição ocidental consideravam as descobertas filosóficas, não tanto um deparar-se algo novo ou insólito, mas, precisamente, *des-cobertas*: trazer à tona algo já visto, já sabido, mas que, por essa entrópica tendência para o esquecimento, não permanecera na consciência.

Assim, a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos o novo, mas, algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível: precisamente o que se expressa com a palavra *lembrar*.

Claro que ao afirmar o caráter esquecediço do homem, não estamos dizendo que ele se esqueça de tudo, mas, principalmente – e é até uma constatação de ordem empírica – do essencial. Pois, na verdade, o homem lembra-se de muitas coisas: naturalmente, ele, “criatura trivial” (como diz Guimarães Rosa), *não* se esquece da data do depósito bancário, não se esquece de comprar sua revista predileta, da final do campeonato, nem das comezinhos realidades que compõem nosso rotineiro cotidiano.

Esquece-se, sim, da sabedoria do coração, do caráter sagrado do mundo e do homem...



Se esse “jeito esquecido de ser” é tido, como dizíamos, no Ocidente, por uma característica básica do ser humano; na tradição oriental, por sua vez, tal consideração é ainda mais radical.

Na língua árabe, desde tempos imemoriais, a própria palavra para designar o ser humano é *Insan*. A surpreendente profundidade desse vocábulo torna-se manifesta quando dirigimos nossa atenção para seu significado literal: *Insan* – deriva do verbo *nassa/yansa*, esquecer –, e significa *aquele que esquece*.

A agudeza oriental, ao designar o homem por *Insan*, o esquecente, vê-se confirmada pelo fato de que o próprio falante, em seu dia-a-dia, não se dê conta disso.

Daí a proverbial sentença árabe: *Wa ma sumya al-insan insanan illa linissyanihi* (“O *Insan*, ser humano – o esquecente – foi chamado de *Insan* por causa de seu esquecimento”).

Naturalmente, há na formulação original, um delicioso jogo de palavras, como se disséssemos em português, com Drummond: “O imposto chama-se imposto, porque nos é imposto”.

Não é de estranhar, pois, que, no Alcorão (20, 50-52), Deus se apresente – em contraposição ao homem – como “Aquele que não esquece”. E o mesmo acontece na Bíblia, quando, pelo profeta, o próprio Deus diz: “Pode, acaso, uma mulher se esquecer de sua criança de peito?... Ainda que ela se esquecesse, Eu não me esqueceria de ti” (Is 49,15).

Só a partir dessa consciência de que o homem é esquecediço, é que se pode edificar, dizíamos, uma educação digna desse nome. Nesse sentido, os antigos desenvolveram uma pedagogia – hoje *esquecida* e incompreendida –, a pedagogia do *dhikr*, a pedagogia do lembrar, a pedagogia baseada na sabedoria do povo, nos ritos, nos provérbios, na memorização, nos gestos, nas festas...

Mas o Hino de Píndaro – e continuamos seguindo Pieper – nos dá também pistas metodológicas. As grandes intuições, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem não costumam

permanecer totalmente disponíveis a nosso saber consciente. Pode ocorrer que brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do cotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tornam...: *instituições, formas de agir do homem e linguagem*.

Estes são os três “sítios” (para usar uma metáfora da arqueologia) onde o filósofo deve penetrar para recuperar o que tinha sido oferecido na experiência. É neste ponto que radica a própria possibilidade da Antropologia Filosófica, enquanto busca do resgate desse *plus*. Uma busca pelo *plus* que se encerra em instituições – Pieper o faz em suas análises da instituição “universidade” –, no agir humano – por exemplo nas análises do ato de filosofar ou do ato poético, que remetem ao próprio centro da antropologia – e na linguagem.

Desse *plus*, fala-nos também a mais importante poeta brasileira da atualidade: Adélia Prado expressa esse *plus* de visão nos tão sugestivos versos de seu poema “*De profundis*”:<sup>40</sup>

*De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo.*

Vale a pena transcrever agora o parágrafo inicial de *Offenheit für das Ganze*, no qual, antes de refletir filosoficamente sobre a instituição universidade, Pieper resume a essência de suas ideias metodológicas. As grandes experiências estão escondidas nas grandes instituições (e podemos acrescentar: na linguagem e nos modos de agir dos homens):

As grandes instituições costumam ser a expressão de grandes experiências, de experiências que estão como que vazadas nessas instituições

---

40. Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 199.

e, conseqüentemente, um tanto escondidas nelas. Esta é precisamente uma das razões pelas quais é tão difícil dizer cabalmente em que consiste o verdadeiro significado das instituições que condicionam e emolduram a vida humana. Com o simples atentar para o aspecto aparente, histórico-concreto do fenômeno, não se pode decifrar o que elas realmente são e devem ser; para fazê-lo, é necessário penetrar, através de um paciente e cauteloso esforço de interpretação, naquelas experiências, intuições e convicções que se incorporaram nas instituições e que as fundamentam e legitimam. Porém, quando se trata das grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo, das experiências que condicionam sua vida, não se pode dizer que elas possam ser apanhadas e formuladas facilmente, uma vez que não estão de modo algum ao alcance imediato da consciência reflexiva. Sabemos muito mais do que aquilo que somos capazes de exprimir de improviso, em palavras precisas, num determinado momento. E talvez aconteça que o que digamos de fato passe à margem de nossas verdadeiras convicções. [...] Precisamente as nossas certezas mais vitais – as que atingem nosso fundamento e o do mundo, de que temos tanta segurança que por elas orientamos nossas vidas – estão fadadas a se transformarem logo em existência viva; se tudo segue seu caminho normal, convertem-se em vida vivida, tornam-se realidades, concretizam-se. Passam, por exemplo, como dizíamos, a formar a organização estrutural das instituições, nas quais se configura e se perfaz o viver histórico do homem. Ainda que não se dêem a conhecer de modo imediato, essas experiências estão presentes e ativas, e quem queira expressá-las deve ultrapassar o que se manifesta na superfície e procurar atingi-las para, por assim dizer, retraduzi-las em forma de enunciado.

Como dissemos, Pieper ensina-nos também que essas experiências especialmente densas, que não têm brilho duradouro na consciência, que logo se desvanecem, nos escapam... mas não se aniquilam: condensam-se, escondem-se, depositam-se... na linguagem, na linguagem comum, essa que nós mesmos falamos e ouvimos todos os dias. A isto dedicaremos o próximo capítulo.



# Voz ativa, passiva ou... média?

Nossa possibilidade de relacionamento com o mundo está, evidentemente, em função da linguagem e Lohmann chega a falar num “sistema língua/pensamento”. Nesse sentido, um recurso importante na compreensão do agir do homem é a “voz média”.

Estamos tão acostumados a pensar que o verbo só admite voz ativa e voz passiva que nem podemos imaginar uma terceira forma. Ativa e passiva – assim pensamos à primeira vista – esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim”?) e na língua espanhola a expressão “*por activa y por pasiva*” significa “todas as possibilidades”, “todas as formas”, como quando se diz: “*Ya lo hemos intentado por activa y por pasiva, sin llegar a conseguir una solución*” ou “*Le hemos pedido por activa y pasiva que dimitiera como presidente*”.

E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua não admitir uma terceira opção – a voz média, que não é ativa nem passiva – constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade, precisamente porque a língua nos impõe o binômio ativa/passiva.

A voz média é um rico recurso – encontrado por exemplo no grego –, que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu – como na clássica sentença de Ortega – estende-se à circunstância: *Yo soy yo y mi circunstancia*.

O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nascer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born in 1952*. O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é...

Procuramos suprir a lacuna da voz média, tornando “reflexivos” verbos como esquecer: “Eu me esqueci”, “eu me admirei”. E a língua espanhola vale-se desse recurso muito mais freqüentemente, como por exemplo em *yo me muero* ou em verbos que expressam necessidades fisiológicas...

Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Gilberto é psicótico, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse algum controle sobre as situações que *o fazem* surtar... Como se “surtar” (ou “admirar” outras ações médias) pudesse ser ativamente “agendado”: “Na próxima 3<sup>a</sup>. f. às 15:30h eu vou surtar; às 19:00h vou me admirar etc.”

Algumas canções de Paulinho da Viola trabalham com a voz média. O samba “Timoneiro” – do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” – é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do navegar; quem **me** navega é o mar. E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...

### **Timoneiro**

(P. Viola – Hermínio Bello de Carvalho, 1997)

*Não sou eu quem me navega  
Quem me navega é o mar  
É ele quem me carrega  
Como nem fosse levar  
E quanto mais remo mais rezo  
Pra nunca mais se acabar  
Essa viagem que faz  
O mar em torno do mar  
Meu velho um dia falou  
Com seu jeito de avisar  
“Olha, o mar não tem cabelos  
Que a gente possa agarrar”  
Timoneiro nunca fui  
Que eu não sou de velejar  
O leme da minha vida  
Deus é quem faz governar  
E quando alguém me pergunta  
Como se faz pra nadar?  
Explico que eu não navego  
Quem me navega é o mar  
A rede do meu destino  
Parece a de um pescador  
Quando retorna vazia  
Vem carregada de dor  
Vivo num redemoinho  
Deus bem sabe o que Ele faz  
A onda que me carrega  
Ela mesma é quem me traz*

Outras sugestivas canção para nosso tema é “Deixa a vida me levar”, de Serginho Meriti e Eri do Cais: “Deixa a vida me levar (vida, leva eu) / Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu / Só posso levantar as mãos pro céu / Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu”.

Numa e noutra canção não é casual que o tema seja a própria vida, que em ambos os casos não consiste em mera passividade (eu intervenho ativamente sobre meu navegar e mesmo “o destino” requer uma ativa fidelidade).

Os verbos depoentes em latim são freqüentemente ricos em sugestões filosóficas: os já citados *nascere* e *morrer*; mas também *falar* (*loquor*: é falando com você que eu falo comigo mesmo); *esquecer*, *confessar* etc.

A consideração desse ativo que não é totalmente ativo, mas que tampouco é passivo é importantíssimo para a Educação e para a Antropologia. A educação, educar, derivada de *educere* “eduzir” (conduzir para fora), afinal, não é colocar algo em um sujeito nem abandoná-lo a si mesmo, mas dar condições ao educando (num processo que não separe educador de educando: educação é sempre *comunhão...*) de extrair de si... É nesse sentido que educador e educando simultaneamente aprendem e ensinam...

Acostumados a pensar que só há vozes ativa e passiva, tal como nos impõe nossa gramática, e desconhecendo o grego e o latim, o estudante encontra dificuldades para aprender a voz média. E sempre se corre o risco de pensar que se trata de uma construção conceitual abstrata e artificial (na verdade, é naturalíssima), uma latinice postiça. Todas essas dificuldades se dissipam quando evocamos situações para as quais dispomos de uma imagem concreta de uma gíria brasileira que expressa maravilhosamente aspectos essenciais da voz média: “*perder o rebolado*”.

O Ocidente tende a ver tudo pelo viés da conquista e a desprezar a “passividade” do Oriente. Mas há muitas situações na vida em que



só obtemos algo, se renunciamos à vontade dirigida de obter esse algo. É desse ponto de vista que se compreende a sentença evangélica sobre aqueles que querem salvar a vida e, por isso, a perdem (Mt 16, 25); sabedoria que se estende a tantas outras realidades que só se obtêm quando não são expressamente buscadas e surgem somente como dom de uma atitude não interesseira; que só se oferecem como dom de um interesse voltado para outro alvo (por exemplo, tem-se tanto mais saúde mental, quanto menos se pensa nela... e, reciprocamente, nada melhor para destruir um relacionamento do que querer “salvá-lo” por força de ciúmes).

E aí se nota a incrível felicidade semântica da gíria: “perder o rebolado”. É essencialmente incompleta a caracterização de “perder o rebolado” no dicionário *Aurélio*, que o reduz a um mero “perder a graça”. “Rebolar” é uma dessas ações que só pode ser realizada com um alto grau de automatismo inconsciente, para rebolar é preciso “deixar-se rebolar”, “ser rebolado” e não a ativa atitude de “calcular” o meneio.

Precisamente a irrupção do componente ativo e a supressão do “passivo” (do deixar-se) é o que faz “perder o rebolado”. É conhecido nos esportes o fenômeno do jogador que erra porque sente a responsabilidade de não poder errar, e nos surpreendemos ao ver grandes craques perderem pênaltis em Copa do Mundo. Quanto menos preocupado em manter o saracoteio, melhor o rebolado: uma quebra dessa “inconsciência”, uma interrupção, uma “saia justa” (outra gíria fantástica) e dá-se a paralisia, a perda do rebolado.

Como no caso do neutro (de que trataremos adiante), também aqui a gíria brasileira recupera os mais profundos recursos de pensamento das línguas clássicas.



# Pensamento Confundente e Neutro

## 1. Pensamento Confundente

“Minha pátria é a língua...”, já dizia o Pessoa. Ao analisar cultura e mentalidade de um povo, a língua é um fator importante, na medida em que condiciona o pensamento, a possibilidade de acesso à realidade.

Uma dessas formas de acesso ao real é o pensamento confundente: a concentração numa única palavra de realidades distintas, mas conexas, que discutimos no primeiro capítulo, como caso típico da língua árabe.

O português também tem suas confundências. Sobretudo, o português do Brasil, com nossa propensão ao genérico, à indeterminação, ao neutro. No outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem freqüentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “*devo*”, entre nós, muito confundente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O mesmo acontece com nosso “poder”, “posso fazer”, em português concentrado em uma única forma, é em inglês diversificado

em: *I may do / I can do / I am able to do / I am allowed to do*. “– Você faz uma cesta de três pontos para eu ver ?” “– Não posso” (“agora estou ocupado em fazer alongamento”) / (“você não vê que sou portador de deficiência e incapaz sequer de segurar a bola”) / (“estou muito destreinado”) / “o técnico nos proibiu de arriscar esse tipo de lance”. Nesse quadro, o filósofo Vilém Flusser, em aguda intuição, vê no “poder” em português, assentado na potencialidade (em contraste com o inglês e com o alemão), um decisivo alcance metafísico:

O pensar confundente está na base das piadinhas ordinárias de duplo sentido (explorando, por exemplo, o caráter confundente do verbo “dar”) e de inúmeras peças publicitárias (como, por exemplo, “Globo e você – tudo a ver”).

## 2. O neutro como indeterminado

No quadro geral do confundente, destaquemos o neutro, importante para a compreensão não só de tantos aspectos da teologia medieval, mas também da própria mentalidade brasileira. Neste tópico, indicaremos brevemente um aspecto essencial desse recurso do latim, em diálogo com o português do Brasil, que, por sua cultura e mentalidade, embora não conte com o instrumento gramatical próprio, propende fortemente ao neutro. O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum!*

As línguas que dispõem do neutro (como o latim ou o espanhol) contam com uma ampliação de horizontes de pensamento, sem o qual tornam-se inacessíveis diretamente algumas regiões do real. E como

se trata praticamente de uma necessidade, acabamos por improvisar recursos de linguagem para recuperar as possibilidades de pensar proporcionadas pelo neutro, um dos grandes excluídos de nossa gramática. Assim, embora o português não possua o neutro, o gênio brasileiro atinge, como veremos, o espírito do neutro, sobretudo na criativíssima gíria produzida nestes trópicos.

Engana-se quem, com o Aurélio, pensa que o neutro seja principalmente um modo de designar o que não é macho ou fêmea:

“Neutro – gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos”.

Na verdade, o neutro puxa para a abstração, para a totalidade, para a indeterminação mais do que para “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino só se opõem ao neutro enquanto determinação; não enquanto a “gênero” ou sexo. Tomás de Aquino – cujo pensamento filosófico e teológico explora muito as ricas possibilidades do neutro – no-lo explica:

O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (I, 31, 2 ad 4).

Um exemplo de neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “– Desculpe, não há mais lugar, já somos **sete**” (não interessam aqui as determinações desse “sete”: não só as concretizações de sexo, homens/mulheres, mas também outras determinações concretas como: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “sete”).

Claro que só com enunciar isto (isto: o neutro como um plano superior no qual se desconsideram as diferenças), já se pode intuir imediatamente a imensa importância que o neutro terá para a metafísica de Tomás.

O que acontece quando suprimimos as diferenças? Englobamos basset, labrador e poodle no genérico cachorro, que engloba todas as raças e não se identifica com uma determinada. E se ascendemos para um plano ainda mais genérico, cachorro, gato, búfalo, camelo etc. remetem ao “neutro” mamífero; que, por sua vez, remete a “animal” – no qual desconsideramos as diferenças entre mamíferos e répteis; e de animal saltamos para vivente etc. até o mais indeterminado “neutro”, coração da metafísica: Ser (naturalmente, cabe recordar aqui que – como veremos adiante – o ser não é um depósito informe e passivo, “esperando” para ser atualizado; é o próprio ato do ente. Lembremos também que, para Tomás, o ente não é gênero e se predica analogicamente).

### 3. Neutro, Literatura & Cia.

Não é por acaso que nossos autores mais metafísicos, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, tenham sua chave de interpretação mais profunda precisamente na confundência do neutro. O neutro é o grande tema (e em alguns casos até mesmo o personagem) dessa grande literatura brasileira. Neutro é a terceira margem, “perto e longe”, “nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte”. Neutro é o grande sertão: “o sertão é sem lugar”, “o sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena”, “o sertão é de noite”, “o sertão é uma espera enorme”, “aceita todos os nomes”, “sertão é o sozinho”, “Sertão: é dentro da gente”.

Neutro dos neutros é a busca, como suprema categoria e paixão metafísica, de Clarice *Introspector*. É o tema clariciano por excelência e mesmo o personagem de *A Paixão segundo G. H.*:

“Para o sal eu sempre estivera pronta, o sal era a transcendência que eu usava para sentir um gosto, e poder fugir do que eu chamava de ‘nada’. Para o sal eu estava pronta, para o sal eu toda me havia construído. Mas o que minha boca não saberia entender – era o insosso. O que eu toda não conhecia – era o neutro”. (Rio de Janeiro, Rocco, 1998, p. 85)

Uma busca assombrosa, que termina com a mística perda da linguagem:

“Estou tentando te dizer de como cheguei ao neutro e ao inexpressivo de mim (...) O neutro. Estou falando do elemento vital que liga as coisas.”

“Como poderei dizer senão timidamente assim: **a vida se me é**. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.” (*ibidem* p. 100)

O neutro – pela *via negativa*: a *theologia negativa* que Tomás aprende do Pseudo-Dionísio Areopagita – nos conduz a Deus. A Deus como aquele que não é. Aquele que não é esta ou aquela determinação; porque por outro lado, Ele é Aquele que é; é, sem mais; é e ponto. Pela eminente positividade de ser, não se trata portanto de um Deus invertebrado, como no filme argentino *O filho da noiva*. Nesse filme, ante as burocráticas exigências canônicas do pároco, o protagonista – interpretado por Ricardo Darín – queixa-se ao sacerdote para que resolva o problema do casamento de seu pai, “que já é velho como Deus”. O padre lhe responde pedagogicamente: “Não meu filho, Deus não é velho nem jovem; homem nem mulher; branco nem preto”. E o filho da noiva contesta: “Mas padre, esse é o Michael Jackson, não Deus!!”

Embora pareça à primeira vista surpreendente, o neutro é utilizado também para celebrar a amada. Na verdade, o elogio neutro é mais profundo: atinge a própria essência da pessoa, com seu encanto indefinível, em seu mistério inefável, transcendendo as vistosas formosuras da superfície (ele não elogia a concreta unha pintada do pé da amada, mas o neutro).

Como na canção Você de Tim Maia: Você é algo assim..., é tudo pra mim... O enamorado vale-se do neutro porque: *Você é mais do que sei, é mais que pensei, é mais que eu esperava, baby...*

Ou em *Something* de George Harrison:

Something in the way she moves, / attracts me like no other lover. (...)

Somewhere in her smile she knows, / that I don't need no other lover.

(...) / Something in her style that shows me

E é que a atração profunda, o verdadeiro encanto, situa-se numa região indefinível (*something*), que transcende as qualidades visíveis, alojando-se no neutro (*way, style*), no âmbito da manifestação da neutra coisa (como no *Das Ding* de Heidegger, que fala da “coisa” como neutra reunião...): *something in the things she shows me*; o neutro *moves* (em lugar do concreto *walks*, evocando a neutralidade do “movimento” aristotélico, passagem de *dýnamis* para *enérgeia*...). E o enigmático sorriso neutro, literalmente u-tópico, *somewhere (!) in her smile*... Em algum lugar daquele sorriso... Como nos intrigantes e neutros sorrisos da *Virgen Blanca* de Toledo, da *Mona Lisa* ou do *Ange au Sourire* de Reims.

É essa força do neutro que é explorada pelas campanhas de publicidade como a recente da Net (com Cláudia Leitte) “Eu quero mais”; ou a do Mc Donald’s: *I’m lovin it (Ich liebe es; amo muito tudo isso etc.)*; ou a da Nike: *Just do it; etc.*

A indeterminação do neutro permite à Teologia expressar delicadas teses trinitárias. Assim, diz Tomás:

“Já que em Deus a distinção é segundo as pessoas e não segundo a essência, dizemos que o Pai é *alius* [outro, masculino] em relação ao Filho, mas não que é *aliud* [outro, no sentido de outra coisa, neutro]; e



que Pai e Filho são *unum* [*um* , neutro , no sentido de *lo mismo*] mas não *unus* [masculino, no sentido de *el mismo*]" (I, 31, 2 ad 4).<sup>41</sup>

Para entendermos o que é o “um” neutro, recorramos a Eugenio, o genial humorista catalão, que, ao compor suas piadas, valia-se frequentemente do recurso ao neutro: instalar-se numa região imperceptivelmente ambígua e surpreender com o desfecho inesperado. Curiosamente, uma delas, joga precisamente com a oposição entre “um” masculino e “um” neutro :

– Você sabia que, segundo as estatísticas, em São Paulo, um motoqueiro é atropelado a cada hora?

– Nossa, imagina como é que deve estar esse coitado...!

A graça está em transferir para o “um”, “masculino”, determinado (“um” mesmo motoqueiro, sendo atropelado de hora em hora), o que era para ser entendido como “um” indeterminado (neutro).

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação que constitui uma das marcas registradas do brasileiro.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora<sup>42</sup>” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insis-

---

41. Quando não se respeitam essas sutilezas, surgem confusões ou rixas causadas por equívoco, o que é, literalmente, um *quiproquó*, *qui-pro-quod*, é tomar o *qui* (masculino) em lugar (*pro*) do *quod* (neutro): o Pai é *lo mismo* (quod) que o Filho, mas não *el mismo* (*qui*).

42. Daí que, na gíria, “da hora” signifique bom, excelente...

tência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc. Quantas brigas de casais, por exemplo, têm sua raiz última nas diferentes preferências de determinação dos cônjuges: a resposta de um deles ao celular: “calma, estou quase chegando!”, bem que poderia – queixa-se o outro – ser substituída por algo mais determinado, como “já estou na esquina da padaria” ou “no máximo em três minutos de relógio eu chego aí” etc.

Indeterminação do espaço, por formas carregadas de subjetividades: “é pertinho”, é “logo ali” etc.

Seja como for, a indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de fazer “média”, ficar em cima do muro: ninguém sabe o dia de amanhã, vai que num segundo turno se venha a necessitar de um apoio do partido inimigo... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Se a brasileira indeterminação do tempo realiza-se em grau máximo no baiano; a das formas, realiza-se no mineiro. Como se sabe, mineiro não é contra nem a favor; muito pelo contrário. Come quieto... e pela borda. Não dá bandeira.<sup>43</sup>

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até

---

43. Daí a certa descrição de uma de nossas mais geniais piadas: Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt... Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças! Um olha para o outro e volta a se concentrar na pescaria... Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro...e mais outro... Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz: \_ É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

nossas instituições. Pensemos, por exemplo, nessa – incrível, para os estrangeiros! – instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?” – É feriado? – Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!! – Então, se não é feriado, haverá trabalho normal? – Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Neutro é o “jeito” – pode e não pode; dá e não dá; e se não der de jeito nenhum, talvez com um “jeitinho”. Neutra é a nossa “saudade”, mais complexa do que a elementar dor da ausência, facilmente apreensível por todas as línguas (ver “Nota sobre Tomás e a saudade” no final deste texto).

O neutro, banido da gramática, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira (claro que a lei do mínimo esforço contribui, e muito, para esses refinamentos de linguagem; afinal, “para bom entendedor...”). Seguem-se alguns exemplos. Nota-se a indeterminação do neutro quando, em cada caso, ao se ajuntar a pergunta “... o quê?”, a resposta: “Não interessa, é neutro!” manifesta o caráter genérico. É o caso da – maliciosamente neutra – pergunta: “Nosso colega Fulano, qual é a dele?”. (e podemos aprofundar no neutro quando em vez de “– Qual é a tua?”, perguntamos apenas: “Qual é?”). Neutra é também a afirmação – que, em geral, antecede alguma sentença crítica, venenosa ou ameaçadora – “Numa boa...”. Nesses casos, fica indeterminado a que concretamente estamos nos referindo: qual é a dele, *o quê?* – atitude, posicionamento político, preferência sexual...? Numa, o que, boa? Os exemplos de neutro tupiniquim poderiam se multiplicar: “Pô, esse cara tem *cada uma*, ele chega aqui *na maior* e já vai aprontando *todas*; vê se você dá *uma dura* nele...” (“cada uma”, “na maior”, o quê? Aprontar – quais – todas?). E se você exagerar ao dar “a dura”, eu – que afinal, diluí minha indicação de “dar uma dura” num leque tacitamente plural – posso me eximir da responsa-

bilidade: “Nossa, você fez o cara ir parar no hospital; eu falei para dar uma dura, mas numa boa...”. Já a gíria “dar uma geral” é neutra até significar opostos: tanto uma ação vaga e indeterminada (“Esse texto já foi revisado, você não precisa gastar mais do que 5 minutos na sua revisão: basta dar uma geral) quanto a ação minuciosa e detalhada (“Não, não, não aceito, quero tudinho no seu lugar: eu não falei para você dar uma arrumadinha no quarto, falei para você dar uma geral”).

O neutro pelo plural. O plural indetermina. Daí que, nos pronomes demonstrativos em espanhol, o plural do masculino siga o neutro: *estos, esos* (em vez de *estes e eses*). E na língua inglesa, o plural é mesmo a forma de indeterminação: “diz-se” é “*They say...*”.

O neutro serve também para o positivo e o negativo, ao mesmo tempo nenhum dos dois e ambos! É o caso de Cervantes no Quixote: entre loucura e cordura, entre sátira e panegírico, entre sério e brincadeira, entre sonho e realidade; a ironia que não é irônica ou é porque acompanha a ironia da realidade. Cervantes, que sabe muito bem da fórmula do neutro, genialmente faz Sancho escrever que “*Don Quijote, mi amo, es un loco cuerdo*” (e poderíamos acrescentar, que Sancho é um *tonto-listo...*). Afinal a pobre Aldonza da aldeia não é, na realidade, também a “*princesa y gran señora*” Dulcinea del Toboso?

Para concluir, o melhor é voltar uma vez mais à pedra filosofal de Adélia Prado, também ela apontando para o neutro, o “ambos”, o *plus* de visão da “realidade”:

“*De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo*”.

# A Unidade da Ideia de Homem em Diferentes Culturas

Voltemo-nos, agora, para o fundamento da ética; para os antigos: o próprio ser do homem. Tal concepção pode resumir-se – também ela – numa memorável sentença de Píndaro: “Torna-te o que és!”.

Neste espaço, pretendemos indicar, ainda que brevemente, como essa mesma convicção essencial – essencial para a antropologia filosófica, para o convívio social e para a educação – a afirmação de que a moral se enraíza no ser e até com ele se confunde – é uma convicção universalmente estendida.

Ela não é apanágio da filosofia, mas encontra-se também em diversas outras instâncias: é o sentido profundo do *to be or not to be* shakesperiano (*that is the question...*), encontra-se na Comédia de Dante, na tradição confuciana; do “Torna-te...” de Píndaro às estruturas da língua tupi...

Na *Divina Comédia* (Purg. XXIII, 31-33), ao tratar da recomposição do ser, desfigurado pelos desvios morais, encontramos este enigmático terceto:

“Pareciam-lhes os olhos anéis sem gemas  
E quem no rosto dos homens lê ‘homem’  
Bem poderia reconhecer o M”

Que significa este misterioso M? (*emme* que rima com *gemme*). O sentido desses versos é que a ação injusta atenta contra

o próprio ser de quem a pratica, desfigura-o, rouba-lhe o to be, o rosto humano – poeticamente figurado, em concretismo, na palavra “OmO” (omo, na língua de Dante, significa homem).

Também para Confúcio – e para a tradição do Extremo Oriente, registrada não só em seus tratados sapienciais, mas até mesmo enraizada nas línguas – a moral é o ser homem (*ren*, em chinês / *jin*, em japonês), e o imoral (*fei-ren* / *hi-nin* – a grafia japonesa é idêntica à chinesa) é o não-homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma *ren* homem.

## 人 非 人

A mesma ideia fundamental é encontrada na sabedoria da língua tupi. Para o tupi – que usa o sufixo *eté* como intensivo, superlativo e índice de verdade ontológica – (e que de modo inquietante lembra, até foneticamente, a *areté* grega) – o homem bom moralmente é abareté, ou seja, o homem de verdade ou, no sentido de S. Tomás, simpliciter e ultimum potentiae. Enquanto o homem imoral é abaran, pseudo-homem. O drama fundamental ético-existencial do homem transcende o âmbito da filosofia acadêmica e atinge a arte popular: é apresentado até numa canção de Milton Nascimento, Yauaretê (canção-título do álbum de mesmo nome). Nessa canção, o homem dialoga com a onça yauaretê, pedindo-lhe – a ela que já atingiu o ultimum potentiae de seu ser-onça: yauar-eté – que lhe ensine o correspondente ser-homem. E aí se retoma todo o problema ético, de Platão a Sartre: o que é verdadeiramente ser homem? Maria, a onça yauaretê, já realizou a plenitude do ser-onça (que, no caso, se resume na “sina de sangrar”) e o poeta, entre perplexo e invejoso, pergunta-lhe: O que é ser homem?

Entre outros versos de profunda sintonia com o pensamento clássico, diz a canção: “Senhora do fogo, Maria, Maria / Onça verdadeira me ensina a ser realmente o que sou (...) / Vem contar o que fui, me mostra meu mundo / Quero ser yauaretê / Meu parente, minha gente, cadê a família onde eu nasci? / Cadê meu começo, cadê meu destino e fim? / Pra que eu estou aqui? (...) / Dama de fogo, Maria, Maria / Onça de verdade, quero ter a luz (...) / Me diz quem sou, me diz quem foi / Me ensina a viver meu destino / Me mostra meu mundo / Quem era que eu sou?”

Mencionávamos, há pouco, a célebre sentença de Píndaro que resume os fundamentos clássicos da ética: “Torna-te o que és!”. Encontramos uma inesperada prova da força (e da atualidade...) desta sentença no extraordinário êxito alcançado pelo desenho “O Rei Leão”. De fato, para além dos modismos e do cuidado estético, a força da fábula do Lion King encontra-se precisamente em seu centro temático, que remete a Píndaro (ao “torna-te” e também à concepção do homem como esquecente...).

De fato, o auge do enredo encontra-se no drama ético. O exilado leãozinho Simba é convidado ao aburguesamento, ao egoísmo e à indiferença, à recusa da estatura moral a que está chamado:

*Timon:* When the world turns its back on you, you turn your back on the world.

*Simba:* Well, that’s not what I was taught.

*Timon:* Then maybe you need a new lesson. Repeat after me. Hakuna Matata.

*Simba:* {Still lethargic} What?

*Pumbaa:* Ha-ku-na Ma-ta-ta. It means “No worries.”

*Timon:* Hakuna Matata! What a wonderful phrase

*Pumbaa:* Hakuna Matata! Ain’t no passing craze

*Timon:* It means no worries For the rest of your days

*Both:* It's our problem-free... Philosophy

*Pumbaa:* I's our motto.

Quando - pela ausência de Simba-, a situação de opressão torna-se insuportável - o conselheiro Rafiki sai em busca do jovem leão, procurando chamá-lo à responsabilidade, evocando a figura de seu falecido pai: o leão Mufasa. E convida Simba a contemplar a imagem do pai na superfície da água.

*Simba:* You knew my father?

*Rafiki:* {Monotone} Correction - I know your father.

*Simba:* I hate to tell you this, but... he died. A long time ago.

*Rafiki:* Nope. Wrong again! Ha ha hah! He's alive! And I'll show him to you. You follow old Rafiki, he knows the way. Come on! ... Look down there.

{Simba quietly and carefully works his way out. He looks over the edge and sees his reflection in a pool of water He first seems a bit startled, perhaps at his own mature appearance, but then realizes what he's looking at.}

*Simba:* {Disappointed sigh} That's not my father. That's just my reflection.

*Rafiki:* Noo. Look harder.

{Rafiki motions over the pool. Ripples form, distorting Simba's reflection; they resolve into Mufasa's face. A deep rumbling noise is heard}.

*Rafiki:* You see, he lives in you.

{Simba is awestruck. The wind picks up. In the air the huge image of Mufasa is forming from the clouds. He appears to be walking from the stars. The image is ghostly at first, but steadily gains color and coherence.}

*Mufasa:* {Quietly at first} Simba...

*Simba:* Father?



*Mufasa:* Simba, you have forgotten me.

*Simba:* No. How could I?

Para finalizar, a resposta de Mufasa, que articula os dois momentos pindáricos fundamentais: todo um programa de reconstrução moral...

*Mufasa:* You have forgotten who you are, and so have forgotten me.  
Look inside yourself, Simba. You are more than what you have become.

*Simba:* How can I go back? I'm not who I used to be.

*Mufasa:* Remember who you are. You are my son, and the one true king.

Remember who you are.

{Mufasa is disappearing rapidly into clouds. Simba runs into the fields trying to keep up with the image.}

*Simba:* No. Please! Don't leave me.

*Mufasa:* Remember...

*Simba:* Father!

*Mufasa:* Remember...



# O passado que se a-presenta

Há um aspecto da filosofia tupi pouco comentado, mas de notável alcance antropológico. Naturalmente, a “filosofia” tupi deve ser procurada não em tratados, mas na língua – como certa vez disse João Guimarães Rosa, referindo-se a uma tribo do Mato Grosso: “Toda língua são rastros de velho mistério”. Língua, que é, afinal, instância privilegiada das descobertas filosóficas que acabam em eruditos tratados.

O tupi tem recursos incríveis para o pensamento e cabe aqui lembrar Caetano Veloso, precisamente na canção Língua, ironizando aquele exagero de Heidegger: “Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção; está provado que só é possível filosofar em alemão”. Na singeleza e transparência do tupi, encontram-se sugestivas peculiaridades filosóficas de fazer inveja às línguas europeias: é o caso da composição com o sufixo -guera.

Ao ajuntar, a um vocábulo x, a terminação -guera (-quera ou -puera, de acordo com a eufonia), obtemos uma curiosa alteração semântica: x-guera é o que foi x, não é mais (ao menos, em sentido próprio e rigoroso), mas preserva algo daquele x que um dia foi. Assim, anhangá é diabo, espírito com poderes; já anhanguera é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em plenitude. Mais do que a “diabo velho” é a esse remanescente poder diabólico que se refere a lendária proeza do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que pôs fogo na “água” (aguardente) para intimidar os índios. Ibirapuera é o que resta daquilo que um dia foi mata (Ibirá); Itaquera, o mesmo para pedreira (ita é pedra); e Piaçaguera é porto em ruínas, que quase já não se usa mais.

A composição com -guera é frequente no tupi e está continuamente a nos recordar que há uma conexão entre o presente e o passado, entre o futuro e o presente; que há leis naturais regendo o desenvolvimento das coisas e que as ações têm consequências: projetam-se, deixam um rastro, um guera.

Cutucaguera (cicatriz), por exemplo, faz lembrar, imediatamente, que aquele sinal no corpo é o que ficou como resíduo de uma espetada (cutuc é ferir com ponta); capuera, roça abandonada; tapuera (tabapuera), os escombros que lembram que aquilo um dia foi taba.

Nem sempre guera indica decomposição ou corrupção, como até aqui indicam os exemplos; pode-se deixar de ser o que foi, preservando algo, em outro estado, transformado: por exemplo ypuera é suco de fruta; manipuera, suco de mandioca.

O português não distingue a carne integrada no vivente, da que se vende no açougue; nem a pele do animal vivo da que está na bolsa ou artefato. Porém, para a sensibilidade em face da natureza, que há no tupi, só é a carne viva do animal, mas a que está na panela ou churrasqueira é soóquera; a pele, no corpo do animal vivo, é pi; uma vez extraída, porém, é pipera. E peruca é abaguera (aba é cabelo vivo); enquanto de canga (osso), forma-se canguera, ossada, esqueleto de animal; e pepocoera é a pena (pepó) arrancada do pássaro.

Interessante é observar que guera não se aplica só a realidades físicas (como aquelas com que, até aqui, temos exemplificado), mas também à realidade propriamente humana e até moral. Assim, mbaé tem o sentido amplo de coisa; já mbaépuera é somente intriga, fofoca, mexerico... Nheen é falar, a fala viva da voz – forma originária de toda comunicação –; a nota escrita, nheenguera, é o recado, o escrito.

A articulação tupi x-guera, dizíamos, pode ser de grande alcance antropológico. A ética clássica ocidental apoia-se na constatação de que o ato humano não se esgota no momento em que a ação foi praticada; deixa marcas, projeta-se. Como diz Gabriel Perissé: “O passado é aquilo que não passou. É aquilo que ficou em forma de

experiência, de conhecimento, de conselho, de consciência e de capacidade de análise”.

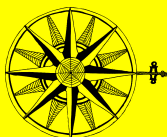
Ficou, criando na alma, por exemplo, uma predisposição (um guera) para o vício ou para a virtude. Precisamente este é um dos sentidos de guera: o hábito, a disposição para praticar novos atos no sentido dos anteriores. Assim, o viciado em aguardente (kauim) é kauguera; o metido a falar é juruguera (juru é boca); o risonho, propenso a rir é pukaguera etc. (F. Edelweiss. *Estudos Tupis e Guaranis*. Rio: Brasiliana, 1969: 258-259).

O passado permanece no presente, e é, como escreveu o contista angolano José Eduardo Agualusa, “como o mar: nunca sossega”. O bullying que a criança sofre hoje pode deixar uma marca para o resto da vida; um trauma qualquer pode custar anos de terapia.

A propósito, lembro aquela oração que se reza na missa, logo após o Pai-Nosso: “Livrai-nos, Senhor, de todos os males...”, e que durante muitos séculos, e até 1970, prosseguia de modo muito sugestivo: “...de todos os males passados, presentes e futuros...”. A reforma litúrgica do Vaticano II houve por bem suprimir esse trecho (“passados, presentes e futuros”), alegando que o povo não entenderia a formulação “livrar dos males passados”, desprovida de sentido. E foi uma pena porque ela indica um profundo fato ontológico e psicológico. É certo que nem Deus pode mudar o passado, nem extinguir os males passados... mas Deus pode, sim, em Sua misericórdia, fazer com que aqueles males passados não continuem se projetando no presente e no futuro, como observa o filósofo Julián Marías a respeito dessa ideia latente na oração suprimida.

O sufixo guera – como todos os recursos vivos da língua – não é apenas uma possibilidade de expressar o pensamento; ele amplia a própria possibilidade de pensar e a sensibilidade perceptiva da realidade; no caso, a continuidade projetiva do passado.





Antropologia, Educação e Linguagem, na visão do autor, são inseparáveis: seguindo o grande mestre da Antropologia Filosófica, Josef Pieper, Lauand considera a linguagem um “laboratório” para a Filosofia. Os estudos deste livro – ligados aos cursos que o autor ministra nos Programas de Pós Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista – mostram como nossa própria possibilidade de pensar e perceber a realidade estão condicionados pelos recursos de linguagem de nossa língua (e de outras...). Desempoeirando a linguagem da rotina do uso costumeiro, somos lançados no fascínio do (re-)encontro das grandes intuições sobre o homem e a educação que nela se escondem.

Apoio cultural:

Radix – Projetos Educacionais

ISBN 978-85-89909-46-4



9 788589 909464